

## ASPECTOS SUPRASEGMENTAIS E DISCURSO EM TIKUNA\*

Marília Facó Soares  
Setor de Lingüística  
Museu Nacional/UFRJ

Neste trabalho, em que lidamos com a língua Tikuna<sup>1</sup>, pretendemos focalizar a relação entre intensidade, altura e duração entre si e a articulação desses aspectos suprasegmentais com aspectos discursivos da língua estudada.

Em Soares (1984b), ao trabalharmos com a hipótese de que padrões rítmicos teriam um papel explicativo na fonologia da língua no sentido de constituírem eles domínios de atuação de processos fonológicos ou de serem eles próprios elementos detonadores de processos fonológicos, chegamos a determinar faixas temporais em que se moveriam determinados padrões rítmicos. Em Soares (em andamento), a maneira com que trabalhamos os dados nos permitiu avaliar o papel desempenhado pela frequência fundamental na percepção da altura, identificar um tipo de intensidade para o qual a contribuição da frequência fundamental é pequena e discutir sobre uma percepção de intensidade desvinculada da frequência fundamental. O trabalho com a intensidade e a altura, se colocado em uma perspectiva temporal, pode ser vinculado a padrões rítmicos e essa vinculação, por sua vez, abre caminho para uma busca de regularidades no domínio discursivo.

Os textos (superfícies lingüísticas) que estamos considerando são, basicamente, um discurso "autobiográfico" de uma das lideranças Tikuna e, como contraponto, um texto mítico narrado por uma antiga e exímia contado-

\* Este trabalho se encontra vinculado ao projeto *O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica* (patrocínio CNPq) e foi apresentado no II Encontro Nacional da ANPOLL, Faculdade de Letras/UFRJ, maio de 1987

ra de histórias. Ao considerar esses textos, estamos colocando como necessária e primordial a articulação dos aspectos suprassegmentais com as propriedades dos discursos focalizados.

1 O texto que constitui aqui o objeto principal de nossa atenção já foi, por mais de uma vez, mencionado como sendo um *discurso autobiográfico*.<sup>2</sup> Durante a sua gravação foi, inclusive, pedido e sublinhado ao informante que esse contasse a história de sua vida. Ele o fez. O discurso tem a duração de cerca de quarenta minutos e nele estão fatos, "peripécias"<sup>3</sup> referentes a momentos cruciais de sua vida, tais como esses se deram, na visão do autor, até o momento da produção do texto. Mas há elementos, há enunciados que permitem apreender posições, assumidas pelo sujeito que enuncia, que transportam o texto total para um outro nível, dele retirando o caráter de "história de vida" e colocando-o no nível de um texto político.<sup>4</sup>

Em primeiro lugar, vamos colocar aqui elementos que circundam e que interferem no texto, gravado na aldeia Vendaval, em janeiro de 1983, e com o dado circunstancial de que a pessoa que conduzia a pesquisa, no caso eu, era o único espectador presente.

O autor do texto é Pedro Inácio Pinheiro (Ngematücü)<sup>5</sup>, capitão de Vendaval - aldeia Tikuna situada na boca do Igarapé Preto. Além da qualificação de capitão, Pedro se caracterizava, no momento da produção do texto, por ser líder religioso de uma das facções da Irmandade da Cruz na aldeia.<sup>6</sup> Sua posição estava bastante fortalecida dentro da aldeia naquela ocasião.<sup>7</sup> Acrescente-se a isso o fato de ter conseguido sobrepor ao seu título de capitão mais um título: um dia antes da gravação, em reunião ocorrida dentro de Vendaval e em meio a capitães de outras aldeias, Pedro foi escolhido capitão geral, para tratar dos assuntos da terra junto ao governo.

Cada um dos dados apontados acima envolve representações que convém explicitar.<sup>8</sup>

Ser capitão. Ser capitão, entre os Tikuna, implica um reconhecimento de autoridade por parte do governo brasileiro, através de um seu representante na área. O capitão deve traduzir e divulgar junto ao grupo indígena as posições/ordens do órgão oficial que os tutela. Também pode arbitrar conflitos, punindo, premiando, distribuindo responsabilidades. Em reuniões, quando são tomadas decisões, não há lugar para o dissenso, a não ser muito raramente. O candidato a capitão, apresentado como uma alternativa ao conjunto de seus eleitores pelo representante do órgão tutor, é escolhido em uma reunião pública, cujas funções são a de investidura no cargo, a da divulgação dessa investidura e a de manifestação de apoio a essa mesma in-

vestidura. Por meio da reunião na qual é investido, o escolhido adquire publicamente direito ao cargo, tornando visível para os demais a sua condição de capitão.

Na cultura Tikuna não havia um sistema político centralizado, com papéis hierarquizados.<sup>9</sup> A necessidade de centralização do poder é uma característica da nossa sociedade. A face visível do órgão tutor na área, ao se defrontar "com sociedades desprovidas de quaisquer formas embrionárias de Estado ou de centralização",<sup>10</sup> tende a detectar nessas sociedades, "em uma clara projeção e imposição, a existência de papéis unificadores, indispensáveis à institucionalização da dominação de fato sobre elas exercida".<sup>11</sup> Na busca de alguém que pudesse vir a desempenhar um papel unificador, a administração do órgão oficial tanto pôde encontrar um líder nativo<sup>12</sup> e investi-lo na condição de capitão, quanto pôde lançar mão de um nativo que fosse apenas um produto da própria administração, quer ele fosse um líder ou não.<sup>13</sup> A par disso, a formação de facções religiosas também pôde estruturar grupos de apoio a um capitão, conferindo-lhe legitimidade. A existência de grupos de apoio somada a expectativas em termos da consecução de anseios sociais próprios—anseios que podem encontrar respaldo na própria tradição—terminam por justificar, para os próprios índios, o papel de capitão.

Ser capitão é representar o governo brasileiro. O governo está ligado ao mundo dos brancos, mas aqui cabem algumas considerações, porque não há uma representação homogênea construída pelos Tikuna face aos brancos. Há brancos e brancos.

Há o branco representado pelo patrão seringalista, que se valia inclusive do uso da violência física para manter o seu domínio econômico, domínio que se processava através de um sistema de troca: os indígenas entravam com o seu trabalho, monopolizado pelo patrão, e em troca recebiam seu pagamento apenas em mercadorias, inserindo-se em uma cadeia de endividamentos e obrigações constantes. Dado o fato de o patrão seringalista ter empregado contra os Tikuna um alto nível de violência, o temor por ele despertado chegou a fazer com que viesse a adquirir uma condição que o afastava do humano e o aproximava do <sup>lt</sup><sub>η29</sub> 'bicho que mata o homem, mas que o homem não mata; diabo'.<sup>14</sup>

Há o branco considerado como bom, por ter introduzido alterações na cadeia econômica introduzida pelo seringalista.<sup>15</sup> Esse branco, um funcionário do SPI, comprava a produção já empenhada a um patrão seringalista e, em troca, fornecia mercadorias e pequenos saldos; organizava roças, com remuneração através de diárias e alimentação; pagava em dinheiro quando

solicitado; não manipulava preços e mercadorias; não impunha mercadorias aos seus fregueses. Esse branco é o bom patrão.

Há o branco regional, "civilizado" que marginaliza e inferioriza os Tikuna, o branco para quem ser Tikuna é uma ofensa.

Há o branco que representa o governo. Nessa classe estão incluídas pessoas que vêm de fora e têm um valor especial para os Tikuna.<sup>16</sup> Essas pessoas procuram pelos Tikuna, desejam aos Tikuna uma vida melhor e os ajudam na realização de um projeto coletivo de salvação. Essa classe engloba pessoas que portam mensagens não necessariamente coincidentes. Ela abarca, por exemplo, um funcionário do SPI que via nos Tikuna cidadãos brasileiros, que por eles tinha simpatia e que os defendia dos civilizados, mas que não colocava empenho na preservação de suas tradições;<sup>17</sup> ela abarca um pesquisador como Curt Nimuendaju, podendo abarcar ainda outros pesquisadores ou outros representantes do governo federal. O que une essas pessoas em uma classe especial e as faz serem tratadas como governo ( aëgacũ [  $\begin{smallmatrix} t t & t & t \\ aëgaki \end{smallmatrix}$  ] ) é o fato de que na cosmologia Tikuna existe um lugar para brancos especiais, brancos que são enviados de Yoi (  $\begin{smallmatrix} t t \\ dzoi \end{smallmatrix}$  ) — o herói cultural que realiza atos sem precipitações, raiva ou desacerto — e dos outros personagens míticos que não são atingidos pela morte.<sup>18</sup> Esses brancos são capazes, em razão disso, de conduzir de maneira acertada as ações dos Tikuna para uma vida melhor. Na questão do papel de capitão, como esse papel não pode ser pensado separadamente da administração que o produz e como essa administração é a face visível do governo, do branco especial ligado ao equilíbrio de Yoi, ser capitão significa representar o governo, o que é positivo. Mesmo que os atos dos funcionários do órgão tutor sejam criticados pelos Tikuna ou mesmo que o órgão tutor decepcione, convém conservar a crença na instância última, no governo, isto é, nos brancos especiais enviados de Yoi, porque assim o determina a tradição.

Ser da Irmandade da Cruz.<sup>19</sup> Ser da Irmandade da Cruz significa inserir-se em um movimento de cunho salvacionista, e movimentos salvacionistas não constituem novidade entre os Tikuna.<sup>20</sup> A novidade está em certas modificações ocorridas no modo de vida dos Tikuna a partir do movimento da Cruz, cuja figura central era o irmão José. Uma das mensagens do movimento mais fortemente captada pelos Tikuna era a de que o fim do mundo estava próximo e de que somente aqueles que morassem próximos a uma Santa Cruz seriam salvos. O culto da Santa Cruz envolveu tanto brancos quanto Tikunas. No caso dos brancos, para um deles, o patrão seringalista, especialmente interessado em manter sua autoridade e em contornar uma



crise econômica, foi providencial uma inserção no movimento: patrões eram "sagrados" pelo Irmão José como diretores das Irmandades, passavam a celebrar a missa da Santa Cruz, a se valer da Bíblia, a pregar. Além disso, os patrões conseguiam introduzir modificações em sua imagem, melhorando-a para os Tikuna. Para estes, habitar próximo a uma Santa Cruz significava obter uma sensação de segurança, que deveria ser completada com uma boa conduta. A boa conduta envolvia não prosseguir com a adoção de maus costumes, tais como jogar, ter mais de uma mulher, beber cachaça, ter contato com coisas ou pessoas consideradas imorais, vestir-se ou andar de maneira inadequada, as mulheres trajando vestidos curtos, roupas com mangas curtas, os homens usando cabelo comprido. Na boa conduta estavam incluídas ainda a proibição do fumo, das festas, do uso de enfeites. E as infrações passaram a ser autocontroladas pelos Tikuna seguidores da Cruz. Se, por um lado, essa boa conduta leva os Tikuna a um afastamento de costumes tradicionais, por outro, pertencer à Irmandade da Cruz representa uma possibilidade de nivelamento dos Tikuna face aos regionais, que no contexto específico das representações ligadas ao movimento da Cruz podem deixar momentaneamente de ver nos Tikuna seres marginais e inferiores. Por outro lado ainda, o movimento representa, sobretudo, o surgimento de uma nova unidade política entre os Tikuna, uma unidade articuladora de interesses mais amplos e específicos que os de um grupo local.<sup>21</sup>

A Irmandade da Cruz, enquanto movimento que leva à existência de uma unidade política mantenedora de vínculos mais amplos de solidariedade e interesses, dá suporte ao discurso do capitão, na medida em que este desempenha um papel de relevo na Irmandade. Na Irmandade, que é um grupo corporado com papéis explicitamente definidos, há diretor, presidente, secretário, tesoureiro, pode haver fiscal, além de haver indivíduos cuja função é impedir que as pessoas ofendam a Santa Cruz—os guardas. Quanto mais alto o papel de uma pessoa na hierarquia da Irmandade, maior se torna a sua capacidade de aceitação e mobilização. Sendo essa pessoa o capitão, seu discurso adquire densidade e consistência para um conjunto de aliados previamente assegurados. Paralelamente, a constituição de irmandades permite uma caracterização e identificação imediata das unidades em conflito e acentua a separação e a independência dos grupos constituídos face aos estranhos—traços identificadores de todo Tikuna e que já estavam organicamente presentes nos grupos vicinais.

O autor do texto a ser focalizado é Pedro Inácio Pinheiro (Ngematücü), capitão de Vendaval, líder religioso de uma das facções da Irmandade da Cruz na aldeia, recém-tornado capitão geral. O conjunto dos elementos

mencionados nos parágrafos anteriores dá um conteúdo específico aos atributos com que Pedro Inácio foi por nós apresentado. E é de posse desses conteúdos que vamos passar ao texto.

2 O texto sob consideração possui cerca de quarenta minutos e já circula informalmente há alguns anos no interior da comunidade constituída por pessoas interessadas em línguas e grupos indígenas. Está ainda arquivado no Setor de Lingüística do Museu Nacional e é posse, juntamente com a gravação que o acompanha, de alguns falantes Tikuna. O texto divulgado corresponde integralmente ao texto gravado: nele não há omissões, acréscimos ou qualquer modificação em relação ao material produzido. Além disso, a tradução que o acompanha segue, passo a passo, o que é dito em Tikuna, procurando afastar-se o menos possível dessa língua. Apenas um trecho do texto considerado será aqui materialmente exibido,<sup>22</sup> sendo sumariada a totalidade dos acontecimentos nele relatados. Antes de justificar, porém, a utilidade de tal sumário, devo registrar que resumos feitos de textos produzidos por integrantes das muitas vezes chamadas sociedades “primitivas” não são apenas um traço comum à obra de etnógrafos preocupados unicamente em compreender de maneira intuitiva um dado fenômeno cultural. Também não são eles só o resultado de uma prática necessariamente ligada a uma antropologia que, por ver os fenômenos culturais como signos, mensagens, textos, é colocada como ciência interpretativa. Resumos não precisam ser sempre fruto das intuições de um pesquisador que, imbuído do desejo de se fazer compreender e de fazer chegar ao seu leitor uma maneira de ver as coisas, termina por ajustar a pretensão de objetividade à expressão de considerações subjetivas. Um resumo, enquanto busca de uma representação fiel ao seu objeto, pode estar sujeito a uma corroboração ou refutação decisiva quando comparado a esse mesmo objeto. E o que dizemos do resumo é extensível a uma forma lingüística muitas vezes presente em resumos e tida como veículo habitual de interpretações: o discurso indireto. Quando são uma variação da citação através do uso de recursos gramaticais, quando são o local da expressão do julgamento do locutor—e não daquele que relata—ou quando ainda não são eles o local escolhido para a veiculação de elementos ausentes do seu enunciado de referência, os discursos indiretos podem permitir a reconstituição do original. Utilizados sem perder de vista a fidelidade a um original, tanto o discurso indireto quanto o resumo que o contenha podem ser liberados de seus riscos interpretativos e passar a apresentar uma utilidade em outro nível. No caso do texto que serve aqui de referência, acho conveniente e útil, com relação a uma análise realizada a partir de recortes,<sup>23</sup> sumariar os acontecimentos relatados, res-

peitando a sua ordem de aparecimento e a seqüência de informações através das quais esses acontecimentos foram representados para os destinatários do texto produzido. A utilidade desse sumário está, a meu ver, em permitir que se avalie não só a vinculação dos acontecimentos entre si, em termos de um índice temporal e de um índice de causalidade, mas também a diferença e a interligação dos recortes que serão posteriormente estabelecidos.<sup>24</sup>

A história de Pedro, por ele chamada de "Minha luta por meu povo", começa quando, em um tempo antigo, para ele existia o seu pai. Juntamente com a existência primeira desse pai, são passadas as informações de sua origem, de sua criação: o Igarapé Preto<sup>25</sup> e, nele, o Evare, local mítico de origem dos Tikuna, que surgiram pescados por Yoi. Passadas essas informações, Pedro se localiza no tempo presente, referindo-se à sua idade no momento da produção do texto (38 anos) e volta rapidamente ao tempo antigo, tempo em que muitas coisas faltavam, entre elas um pai que lhe desse conselhos. Na falta desses conselhos, ele se dirige para o mundo dos brancos, onde cresce adotado por um deles, um branco que se sabe ser, através de outros textos, um seringalista, um patrão. Pedro coloca explicitamente o desejo de, na época, não querer saber mais do pai em função da sua permanência no mundo dos brancos, fala do seu orgulho sem motivo em passar a ser um civilizado, ao deixar a sua condição de pessoa, isto é, de Tikuna. O homem que o cria o faz conhecer Manaus. Pedro continua falando do seu desconhecimento do pai, do seu desconhecimento de como seria a vida depois, do seu desconhecimento da história como ela se processa no tempo da enunciação.

Naquela época, o seu desconhecimento com relação ao agora (tempo de enunciação) e ao antigo é total, ao mesmo tempo em que seu conhecimento das coisas dos homens é pleno. Ele era afilhado da mulher do patrão, estava sendo criado como filho deles e estava sujeito a uma série de restrições, entre elas não ir na brincadeira, não ir no jogo de bola, não fumar, não ir a festas, não beber cachaça. E ele comenta que desde então está acostumado a isso. O pai o leva de volta à casa e lhe dá uma esposa. Pedro também desconhece o que é ter uma esposa para um Tikuna. Em decorrência disso, ele a abandona muitas vezes, voltando para o meio dos civilizados, embora esteja sempre chegando de volta. Diz também que a esposa ia atrás dele. Aos 23 anos, Pedro está na Colômbia e lá fica três anos no meio dos civilizados, até o momento em que é alcançado pelo que ele diz ser "a religião no meio da qual é a vida agora" (a religião é a da Irmandade da

Cruz). A notícia da chegada dessa religião, em 1972, o fez retornar, chamado que fora pelos tios da família de sua esposa. Pedro volta a falar do Igara-pé Preto, do seu afastamento desse lugar e de sua chegada de vez a esse mesmo lugar. Apesar de ter voltado, ele continua a não ter conhecimento, ao mesmo tempo em que conhecia todas as coisas contadas pelos homens. Ele também desconhecia a palavra do governo e comenta que "agora no meio dela é a vida". Ele não era nada, não passava de um morador. Subitamente, o patrão é chamado à narrativa, juntamente com seu filho Benedito Mafra, sendo ambos tratados como "donos da propriedade". O patrão planta uma cruz e se faz chefe da religião da Irmandade da Cruz, nomeando Pedro seu guarda. As proibições são feitas: não são permitidos na igreja vestido curto, homem de cabelo comprido, brinco na orelha, grampo no cabelo, boca e unha pintadas. O guarda acata as proibições e as torna extensiva a todos, o que o faz colidir com o patrão, que desejaria abrir exceções para seus parentes civilizados. Pedro discute e é expulso, o que o faz assumir a sua condição de pessoa; mas uma pessoa que ainda não havia ultrapassado a sua condição de morador. Ele ainda não tinha conhecimento e não tinha conhecimento porque naquele tempo ainda não havia a Funai. Mas eis que corre a notícia do governo que briga pelos índios, o governo dos índios existia. Pedro procura por esse governo e o governo o encontra, o governo que até então só existia na terra de Umariáçu.

A Funai chega em 1974, isto é, é o governo que chega em 1974. Pedro procura por esse governo; as pessoas de Vendaval fazem uma reunião e "deixam entrar" Ângelo na condição de primeiro capitão. As pessoas ficam olhando Ângelo; esse faz reunião, "conta palavra" para as pessoas, mas nunca faz nada. Então, Ângelo convida Pedro para ser o segundo capitão. Há uma troca de palavras entre as pessoas e Pedro, o que desperta uma reação por parte de Ângelo. Pedro, por não ter estudo, faz o que as pessoas querem.

O trabalho da Funai chega de vez e um homem, trabalhador da Funai, encosta com Pedro. As pessoas, naquele tempo, também não tinham conhecimento e ignoravam o que iria se passar.

Benedito Mafra, o Birola, se sente descontente com o que Pedro conta para o governo. Birola briga com Pedro e este desafia o patrão, no sentido de que nenhum Tikuna irá mais vender-lhe aquilo que produz. O patrão faz ameaças e Pedro não cede. Há pessoas, isto é, Tikunas que ficam do lado do patrão e uma dessas pessoas, Maitü, quis matar Pedro, chegando a provocá-lo para uma briga na casa desse último. Mas Pedro não é pessoa de ter brigas e agüentou muitas coisas naquele tempo e vem agüentando desde então.

Levanta-se a aldeia nova, o que é resultado de luta e o que leva ao costume da luta e da dor. As pessoas matam os bois, os cavalos do homem, há mortes. O homem—o patrão—quer punir os Tikuna e, para isso, “corre” a Tabatinga, a São Paulo de Olivença e mesmo a Manaus; tenta amparar-se juridicamente, recorrendo ao “advogado”. O “advogado” não chega, mas há pessoas que ainda estão do lado do patrão. O patrão fica pobre, as coisas acabam para ele. E isso se dá porque Pedro procurou por uma coisa verdadeira. Por isso, no momento atual, Pedro e seu grupo não têm medo. As ameaças não surtiram resultado. Pedro não morre por mulher, por roubar filho de outro; mas morre pelo seu povo, a quem falta dinheiro e conhecimento; pela terra e por todas as coisas que acontecerem.

O posto da Funai demorou a chegar, mas ficou pronto em Vendaval no ano de 1977. Pedro não sabia—como sabe “agora”—o que era fazer reunião. Havia capitães na área desde que ele era pequeno, mas esses capitães antigos nunca souberam procurar a palavra do governo nem a palavra de Deus. E por isso as coisas nunca estavam prontas. De repente, vem do sul a notícia de uma reunião à qual Pedro comparece. Viaja até Manaus de recreio (“um grande vapor”). Lá embarca em um avião (“aquele grande lá no céu, a zoada dele é como trovão e ele faz caminho de fumaça”). A reunião é grande e nele Pedro vê como os outros índios de outras nações fazem para procurar a terra. Nessa reunião as palavras foram faladas na língua dos civilizados para que todos pudessem escutar e Pedro teve o conhecimento de tudo. Volta à terra e faz reunião, chama a todos os capitães e conta a notícia sobre a terra, fala da existência do direito das pessoas. A reunião foi em 1980; Pedro fez a abertura da reunião e abriu, para todos os capitães, uma palavra e um saber. Mas nenhum capitão pensou como é que eles iam fazer.

Em 1981 chega um que procura pelos índios Tikuna, João Pacheco.<sup>26</sup> Ele chega, juntamente com o capitão Felipe de Umariçu, fala com Pedro e esse vê seu entendimento aumentado, tendo em vista a sua participação anterior naquela grande reunião. Há uma outra reunião, com muitos capitães. É feito um mapa, o documento da terra. Saem três homens, que falam com o presidente pela notícia da terra. Naquele tempo os capitães não sabiam como ia ser. É feita uma outra reunião, para a qual é convidado um homem de outra nação—Lino, um Miranha—para dizer como é que era. Lino fala e as pessoas entendem um pouco.

Há uma comissão e há três homens. Existem Pedro e Adércio (capitão de Campo Alegre) e uma pessoa originária de Feijóal, José Demétrio. Eles vão a Brasília ter com o presidente: pedem pela terra, pela demarcação da terra. Marca-se o dia para a chegada dos trabalhadores do presidente.



Em janeiro de 1982, a comissão chega à terra, visita as terras com Pedro e faz perguntas aos Tikuna. A comissão vai embora levando o mapa. É marcado o mês de março para existir "o endireitamento da delimitação". Em junho, os capitães estão em Manaus a pedido do presidente. Esse entrega o mapa e a portaria, os documentos da terra. O mapa é apanhado e existe, então, para todos os capitães. Pedro diz que fez essas coisas e que um pouquinho estava pronto.

Entretanto, há muitos primeiros capitães velhos, velhíssimos mesmo. Eles não procuram, só contam a fama dos outros, não têm amor pelas pessoas, não têm pena dos parentes. E fazem às vezes mais força para os brancos e só aos brancos procuram. Pedro está nesse tempo e um pouquinho está pronto.

Vem a fama de outra reunião, que é em Brasília. E lá existe para Pedro mais entendimento, o entendimento de como é uma luta, a luta pela terra. Os brancos estão devendo aos índios há muito tempo, e o governo quer só entre índios os próprios índios. E os índios, diz Pedro, fazem força para si, ajudam-se uns aos outros, têm amor uns pelos outros. Falam uma só língua, e todos sabem, todos pensam. Por isso aquele trabalho de Pedro está pronto até aquele momento. Há trabalhadores da Funai contra ele, mas ele nunca roubou a esposa ou a filha deles. Pedro não vai morrer pelo roubo, pelo roubo do filho de um outro, por fugir com mulher de outro, por ir a festas; mas vai morrer pela melhora das pessoas, pelo amor de uns pelos outros, pela crença na palavra do governo e pela crença em Deus, já que ambas as crenças são a mesma coisa. Mas há pessoas que querem ser irmãos do branco, fazendo força pelos brancos. Por isso, no dia 21 de janeiro [de 1983] houve uma reunião em Vendaval na qual quatorze capitães não queriam que houvesse capitão de Tikuna que faz força e não queriam que houvesse capitão geral. Mas também houve muitos, quatorze capitães, que queriam que houvesse capitão geral porque, do contrário, não ia ficar melhor e não ia ter terra. E é por isso que Pedro está nesse trabalho. O seu pagamento não é em dinheiro, o seu pagamento só existe com Deus. Pedro agradece, sua palavra termina aí. Encaminha o final do texto, ao dizer que assim foi sua infância, ao dizer como encontrou o trabalho em que está e como é isso que as pessoas fizeram existir para ele, o cargo de capitão geral. Afirma que só Deus sabe como vai terminar tudo o que aconteceu até o momento e, mais uma vez, agradece.

**3** Tematicamente, o texto admite, a meu ver, um bom número de recortes. Tais recortes se encontram determinados abaixo, sendo a relação dos recortes entre si discutida mais adiante.<sup>27</sup>



### 3.1 A proximidade com a tradição

"... nũcũma i nori ... tchona nangema ya tchaunatũ..."

(... antigamente primeiro ... para mim existia meu pai...)

"... natũrũ tchama rũ tunetũwa tchayá, tunetũcũã  
tchiĩ i tchama ... tchama tchabu cũana i naguĩ  
tunetũ, ngema nucũmaũtchima ngeta Yoi tũũ i pogũũwa  
ngema Eware nawangemaũ i tunetũgu tchabu i tchama..."

(... então eu me criei no Igarapé Preto, eu sou natural do Igarapé Preto  
... eu nasci no Igarapé Preto, aquele onde há muito tempo Yoi nos  
pescou, naquele Evare, dentro do Igarapé Preto, nasci eu ...)

Aqui estão a existência do pai e a origem de Pedro ligada à origem mítica do povo Tikuna. Ao invocar seu local de nascimento da maneira como o faz, Pedro se coloca, através de uma contigüidade geográfica, como alguém próximo a Yoi e ao que Yoi, conseqüentemente, representa para os Tikuna. Quanto à presença do pai, ela é usada, como se verá depois, de maneira ambivalente no decorrer do texto. No trecho citado, porém, a existência do pai aparece como elemento inicial, e isso porque é o pai que tradicionalmente possibilita a identificação de uma criança como Tikuna, transmitindo-lhe uma nação e assegurando-lhe uma posição na sociedade Tikuna.

### 3.2 O afastamento da tradição

"... yeguma nũcũma tchama nori, tchabugu rũ nataúma  
i muũma i taacũ bai i ngetaũ i ucuẽ, tchaunatũ  
rũaneca tagumatá ngeta tchona úcuẽ, natũrũ ngemaetũ  
rũ muépũcũna i tchama rũ tchatacú, tchabuguamatama  
tchatacu wũimeepũ yĩgutama ya tchorũ taunecũ, rũ tchatacu  
i tchama ..."

(... naquele tempo antigamente eu primeiro, nasci nele e não havia  
muitas coisas, nem onde ter conselho, meu pai, provavelmente nunca  
deu conselho para mim. Então, além disso, muitas vezes eu fiquei órfão,  
na época em que era criança não tinha pai nem mãe, com cinco  
anos de idade, fiquei órfão, eu...)

"... yatügütanüwa tchaũ nhãa tchoügũ tanüwa  
 tchaũ rũ tchoügũ tanüwa tchayá rũ nhũma nhaã wüi i  
 naãcürũ'ũ tchi'ĩ, natanüwa ga yema tchoũ, yegumana marũ  
 na tchoügũ tanüwa tchangema ..."

(... para o meio dos homens eu fui, para o meio daqueles brancos eu  
 fui, e no meio dos homens eu cresci, agora como se fosse filho de um  
 deles, no meio daqueles brancos, naquele tempo já no meio dos bran-  
 cos eu existia...)

"... yeguma ga tchama rũ maneca marũ nũna tchiiũ ga guma tchaunatũ  
 ã nori naütawa tcha ngemacũ ã tunetũ, naéwá ..."

(... naquele tempo provavelmente eu fui embora dele, daquele meu pai  
 primeiro com quem eu existia, no alto do Igarapé Preto...)

"... rũ tchorũ maiagawa nĩ ga yema toma, yemarũ nhaã naacũ rũũ ..."

(... e minha madrinha era aquela outra, aquele, [me tratava] como um  
 filho dele...)

"Tomagũ ũtawá nũna tchaũũ .. tare ya tauemücũ tomagütanũ tchana  
 yauũ rũ nhuguacũ i tamaépũ, nhuguacũ i wüimépũ..."

(Para os civilizados eu ia... dois meses no meio dos civilizados eu  
 passava, às vezes três meses, às vezes cinco meses...)

"... yeguma na nagu tcha yemacũ rũ dauque arũ naanewa tcha ũ ga  
 yeguma Colombia arũ naanewa tcha yema..."

(... naquele tempo eu estava lá no meio deles e para a terra do alto do  
 rio eu fui, na terra da Colômbia eu estava...)

No primeiro exemplo acima, uma forma de verbo existencial – nataú-  
 ma 'não havia' – possui como raiz uma negação: taúma 'não' (na '3ª pessoa'  
 + taúma 'não'; nataúma 'não havia'). Essa forma verbal é o núcleo de um  
 predicado que se aplica, no texto, a um sintagma nominal posposto. Na con-  
 dição de tal sintagma estão duas construções coordenadas:

i muũma i taacũ	'muita coisa'
x muito x coisa	
i ngetaũ i ucuẽ	'onde ter conselho'
x onde x conselho	

A coordenação sintática realizada foi o meio encontrado para a associação de um espaço de orientação (o 'onde ter conselho') a coisas quantificáveis (muñma 'muito' é, na língua, um quantificador; numerais/quantificadores em Tikuna são como "adjetivos" que expressam predicados por sobre conjuntos, o que faz com que apareça entre eles e o termo ao qual se referem uma determinada partícula – assinalada acima por nós com um x – para que seja estabelecida alguma relação sintática entre ambos (ver Soares, 1985). Como a ambos os sintagmas coordenados se aplica um verbo existencial lexicalmente negativo, a inexistência atinge o espaço de orientação e o que se liga a ele. Como ainda os recursos de que dispõe a língua colocam em um mesmo eixo paradigmático, em se tratando de verbos existenciais, uma raiz lexicalmente positiva (ngema em *nangema* 'existe', um elemento virtual, não-atualizado no texto) e uma raiz lexicalmente negativa, a inexistência entra em associação com a potencialidade de existência. No caso, é essa relação paradigmática que faz com que aquilo que é atualizado no texto como inexistente apareça como virtualidade de existência impedida de se concretizar no plano da forma. O que se passa no plano da forma serve ao produtor do texto como um elemento que introduz a construção da imagem de um mundo marcado pela carência, pela privação, isto é, pela inexistência do que poderia ser existência. A construção de tal imagem segue com a utilização ainda de recursos morfológicos e sintáticos, entre os quais se encontram uma aparente simetria sintática e um uso resultante dessa simetria.

Uma análise sintática de aspectos da língua (ver Soares, 1985) revela uma simetria aparente entre sintagma posposto ao verbo e o tópico morfológicamente marcado por uma partícula (rũ). Essa simetria aparente – aparente porque apenas o tópico está ligado à revelação de vazios estruturais na língua – é, no entanto, a materialização de estratégias polares na construção de textos Tikuna: aí, a informação que pode ser predita, que é antiga ou contínua, vem na posição final das sentenças; e a informação que é descontínua, que representa uma novidade ou surpresa ou que, sendo conhecida, retorna em outro nível, vem em posição inicial nas sentenças e acompanhada de uma marca de tópico. Combinadas, ambas as estratégias podem ser produtoras de efeitos de sentido.

Mantendo-nos ainda no primeiro exemplo, vemos que ao sintagma nominal posposto há pouco observado segue-se um tópico – seu quase espelho sintático. O tópico em questão – tchaunatũ rū 'meu pai' – adquire, devido a essa situação quase especular, condições de ser um ponto que constitua uma recolocação, e não uma simples volta de um ponto anterior. No caso em questão, o ponto anterior – que vem em sintagma nominal pos-

posto ao verbo e coincide com coisas e um espaço de orientação atingidos pela inexistência – tem no ponto que se segue não a simples manutenção de um quadro de carência, mas a introdução de um elemento que permite a reangulação de tal quadro em função desse novo elemento. O elemento introduzido é a figura do pai, veiculada através do tópico. E, em função do jogo com o sintagma nominal posposto imediatamente anterior, a figura do pai surge aí marcada, na materialidade do texto, pela sua ligação com a falta: a falta de coisas e de um espaço de orientação. A partir da reangulação do quadro de carência obtida através do tópico, surgem a falta de conselhos e a orfandade. Tal como o inexistir anteriormente apontado, ambas são expressas através de formas verbais (tchona ucuê 'ele dá conselhos a mim'; tchatacu 'eu sou órfão, sem pai nem mãe') que, através da predicação, se aplicam, respectivamente, ao pai (tchaunatũ rũ) e à pessoa que fala – também um tópico (tchama rũ 'eu'). Completa-se, assim, o círculo da carência, que deixa em um mesmo nível pai e filho, agora reunidos os dois num universo de privação. O que se segue é consequência, como mostram os outros exemplos. Tratando-se a si próprio como pessoa despojada tanto de mãe quanto de pai (o que não corresponde aos fatos nem a outras passagens de seu texto), Pedro, ao considerar aquele momento distante no tempo, se vê órfão, jogado em uma orfandade que se revela intermitente. Afasta-se do pai, da tradição, é adotado pela família do patrão seringalista – um caso entre outros na época. Já possui um ponto de referência no mundo dos brancos – a família do patrão –, e é a partir desse ponto que pode conhecer e se movimentar em um mundo diverso do de seu pai.

### 3.3 A reconstituição de laços com o universo da tradição

"... tchaunatũ naũtawã tchoũ nĩga yeguma tchautchiũwa natchaũĩ ga nori itchabuũwa yema tcha yema ga nore ecũ tama, ya tauémũcũ tamaépũ ya tauemũcũ yema natũrũ yeguma rũ ... muũma ga taacũ nĩ mugũ rũ yeguma tchoũ naũmagũ..."

(... meu pai de lá me levou. Naquele tempo na minha casa eu fui, onde primeiro eu tinha nascido. Lá eu fico pouco, três meses. Então naquele tempo... muitas coisas acontecem e naquele tempo ele me dá muher...)

"natürü tama nũ tchacuá ga yeguma ga tchama ga taacü ga amá yerü  
 wüi ga duũ ga bumareũ tchiĩrũ taguma nũ tchacuá i na nhunhãcũ yĩ  
 i duũgũ arũ amá, yeguma yema tcha yema rũ natürü poraẽcũ ga nori  
 tchama rũ tauũma tchorũ ngutchaũgagu tchona ngema, muépücũna ga  
 tchama rũ nũnatchĩĩũ ..."

(... então não sabia, naquele tempo, o que era ter esposa porque eu  
 era uma pessoa muito jovem e nunca tinha sabido como era aquilo de  
 ser esposa de pessoas. Naquele tempo eu estava lá e então muitas  
 vezes primeiro eu, não existia para mim a vontade de ter minha espo-  
 sa, muitas vezes minha esposa, eu deixei...)

A volta ao mundo Tikuna se dá através de duas instituições básicas  
 nessa sociedade: o parentesco e o matrimônio. O pai busca Pedro e lhe dá  
 mulher. Entretanto, à ação do pai contrapõe-se um estado marcado pela ne-  
 gação:

"tama não	nũ o	tchacuá" eu-saber	'eu não sabia'
"taguma nunca	nũ o	tchacuá" eu-saber	'eu nunca tinha sabido'

É a ausência de conhecimento, que se torna central no recorte em questão.  
 Vinculada a uma limitação do sujeito enquanto Tikuna (pessoa),

ga x	duũ pessoa	ga x	bumareũ nacer-só-nominalizador	tchiĩ eu-ser
'eu era uma pessoa muito jovem'				

a ausência de conhecimento determina o seu relacionamento inicial com o  
 grupo. Os laços estabelecidos a partir do matrimônio são apresentados co-  
 mo frágeis. Pedro é "muito jovem", desconhece aparentemente o que signifi-  
 ca ser homem casado no universo Tikuna e, em função de um não-saber,  
 deixa muitas vezes a esposa. O parentesco e o matrimônio, que têm, na so-  
 ciedade Tikuna, íntima relação com a solidariedade e a identidade do grupo,  
 não são apresentados nesse momento como fator de solidariedade ou mes-  
 mo de retenção do sujeito em seu grupo.

### 3.4 O ser morador/o ser pessoa

"... ngürüâtchi inangu maneca ga yema nhama ore... yeguma ni'igana tchaucatia cagũ... ga guãmatá tchorü tchiūra tũmaarü tiagũ rü yeguma wena arü tchataegu ga nhama ga natchicawa... rü yeguma na tunetü tchineéwa na tchanguũgu ga 72 ya taunecũgu... yeguma rü tchama rü tauũma tchacuaega rü wüi i duũũ i pemareütchi..."

(... de repente chegou provavelmente essa palavra de agora... naquele tempo eles chamaram para eu voltar... aqueles tios da família de minha senhora e naquele tempo novamente eu voltei aqui na área... e naquele tempo na boca do Igarapé Preto eu cheguei de vez no ano de 72... naquele tempo, eu, não tinha conhecimento e era uma pessoa ignorante...)

"... ena towarica i natchu'uũ i nutchiru, i ngema na ticuna tiĩgũũ rü na tauwama natameũ, ena curũũwa arü i nameũ na cu ücueũ i nutchiruacũ..."

(... será que só nós ele proíbe de usar vestido curto, porque nós somos Tikuna e não valem nada? Será que só entre vocês é bom vocês entrarem de vestido curto...?)

"... nataútama na ngeta na wüi i nhaã na capitãowa na tchangemaũ ga yeguma wüi i duũmare i petchiĩ ga yeguma..."

(... um capitão eu ainda não era naquele tempo, só era um morador naquele tempo...)

"... natürü yeguma rü tauũtama tchacua nhaã aegacũgũ arü ore ga nhuma nawa i maeũ... erü yeguma i tchamarü tauũtama niĩ gana wüi i tũacũ tchiũ wüi i duũũ mare i âpatamare tchiĩ..."

'... então naquele tempo, eu não conhecia esta palavra do governo, agora no meio dela é a vida... porque naquele tempo eu, não era nada, só uma pessoa moradora eu era...)

"... yeguma... tautama tcha cuaega yerü yeguma rü na tautama ga ngeta ga Funai..."

(... naquele tempo... eu não tinha conhecimento porque naquele tempo, não tinha Funai...)





"... i duũũ mare i āpatamareũ ..."  
 x pessoa-só x ter casa-só-nominalizador  
 ↑                      ↑  
 'só uma pessoa moradora'

[i duũũ mare] [i âpatamareũ]  
 x pessoa -só x ter casa-só - nominalizador  
 'só uma pessoa moradora'  
 (= só uma pessoa que tem casa, que mora)

[i duũmare] [i pe]  
x pessoa -só x morar  
'só uma pessoa que mora'  
(= só uma pessoa que mora, só um morador)

O morador, uma pessoa limitada, tem o seu caminho em direção à pessoa plena preso no texto à eliminação de uma limitação, limitação que não vigora no momento da enunciação. O caminho para a plenitude do ser pessoa passa, então, pela religião da Cruz e pelo governo – elementos determinantes de um aqui e agora e reveladores da vida tal como essa se processa no momento da enunciação. No texto, a religião da Cruz é fator de aglutinação e fortalecimento de vínculos. Parentes vão em busca de parentes devido à notícia da religião que chega e, embora tal religião não se dirija

apenas aos Tikuna, ela é um elemento de reafirmação de identidade. Mas estar no meio da religião ainda não faz da pessoa que se assume uma pessoa plena. O surgimento de uma pessoa plena se dá através do conhecimento, o qual, por sua vez, está ligado a uma outra instância, o governo. Sem esse conhecimento a pessoa é apenas moradora (pessoa ignorante), vivendo uma tensão entre o ser morador e o ser pessoa plena – tensão que encontra a sua resolução no ser pessoa com conhecimento.

### 3.5 O ser pessoa com conhecimento

"... ngürüatchi nĩ aãũ ga nayema tchireũ ga aégacũ ga tacã nucũ, rũ maiyugũ arũ aegacũ i ãcũ rũ ticunagũarũ aegacũ i ãrũ..."

(... de repente a notícia dele estava lá, do governo que briga por nós, e o governo dos índios existia e o governo dos Tikuna existia...)

"... yeguma... ga naca tchadauũ rũ muũma ga duũgũ ga numa dama iãne ga Vendaval cũã rũ muũma tchona naca nacágũ, rũ yeguma ngutaqueé ga taũ na ügũ ga yema duũgũ..."

(... naquele tempo... a ele [o governo] eu procurei e naquele tempo muitas pessoas aqui, da aldeia daqui, moradoras de Vendaval, muitas me fizeram perguntas e naquele tempo uma reunião grande começaram aquelas pessoas...)

"... yegumametama tchama tchabugu cürüwa nayema ga capitão ga gũũ i natchicawa rũ capitão i ãgücũ natürũ yeguma ga guma capitão ga nũirágũũcũ rũ tagutama naca nadau ga yema guũma yema nhaã ore ga nhure ga aegacũ arũ ore rũ ena tupana arũ ore. Rũ yemaca tauũma nĩ ngũ..."

(... no tempo em que eu era pequeno existia capitão na área e capitães existiam. Então naquele tempo todos os capitães antigos, de primeiro nunca procuravam elas, aquelas palavras todas, a palavra do governo ou a palavra de Deus. E por isso nunca estava pronto...)

"... yemaca ngürüatchi tchauca inangu maneca i wũi i ore i tagürũ naãnewa auũwa... ngema na yeama yagune gua naiya ya iãne ga yaũgunema ya iãnewa na ngutaqueéwa na tchaũũ..."

(... por isso de repente para mim chegou então uma palavra, mandada do rio grande na terra de baixo... existia lá longe outra cidade, muito longe na cidade, na reunião eu fui...)

"... yeguma ngürüatchi inangu maneca ga yema naega ga wüi ga pesquisa üü... yema wai ga yeguma ga tchama ga poraacüma tcha ngootchiacü yeeraacü yerü marü, nawa, netchaü ga nhunhaü ga to rü yeeraacü tchona ngema, ga wüi cuatchi..."

(... naquele tempo de repente chegou, provavelmente, aquele, um que faz pesquisa... lá naquele tempo eu entendi muito mais, porque já tinha vindo dela, a outra reunião, e mais para mim existia, um entendimento...)

"... yeguma wena nĩ ga wenama ga to ga ngutaqueé nĩ aãcũ... wenamaarü Brasiliwa na ngutaqueé yĩũgu... yeguma wai nĩ ga na poraacüma yeeraaü tchoü ngemaü... ga cua..."

(... naquele tempo outra vez teve a fama de outra reunião... de novo em Brasília era a reunião... naquele tempo foi que muito mais para mim existiu... o entendimento...)

Ser pessoa com conhecimento consiste em obter um entendimento crescente que é resultado de uma ação:

"... yerü marü nawa netchaü ga nhunhaü  
 porque já 3p-locativo origem lp-vir x reunião

ga to rü yeeracü tchona ngema ga wüi ga cuatchi ..."  
 x outra e mais lp-dativo 3p-existir x um x entendimento, saber

'porque já tinha vindo dela, a outra reunião, e *mais* para mim existia, *um entendimento*'

A ação em questão é bastante específica, não consistindo em um ir e vir do sujeito ao acaso. A ação é a de procurar e ela não se origina, no texto, de um único lugar, podendo vir de dentro ou de fora do grupo indígena. A procura pode se dar por parte do governo – representado, por exemplo, pelo pesquisador:

"... ga wüi ga pesquisa üü rü ticuna rü  
 x um x fazer-nominalizador e tópico

maiyugüca dauü ..."  
 índio-pl-por procurar-nominalizador

'um que faz pesquisa e pelos índios Tikuna procura'

A procura também pode se dar por parte dos Tikuna:

"... naca tchadauü ..."  
 3p-por lp-procurar-nominalizador

'a ele [o governo] eu procurei'

Quando a procura vem da parte dos Tikuna ela é bastante valorizada. Pedro se apresenta como pessoa que sempre soube procurar: quando a Funai chega à aldeia e se coloca ao lado dos índios, Pedro a procura; quando chegam notícias de reuniões, realizadas em Brasília ou no sul, Pedro a elas comparece e isso é procurar. À procura corresponde um entendimento que é compartilhado com as demais pessoas, as quais, em função disso, podem aparecer marcadas no texto como agentes de uma ação que une o grupo:

"... yeguma ngutaqueé ga taü na ügü  
 dêitico reunião x grande 3p- fazer-pl  
 (naquele (ajunta-  
 tempo) mento)

ga yema duügü ..."  
 x dêitico pessoa-pl

'naquele tempo uma reunião grande começaram (fizeram)  
 aquelas pessoas'

A positividade da ação de procurar é ressaltada no texto através do contraponto com a ação que lhe é contrária: cercada de marcas lingüísticas negativas, a ação de quem não procura é colocada como um obstáculo para o grupo:

"... tagutama naca nadau ga yema guũma  
 nunca 3p-por 3p-procurar x dêitico toda

yema nhaã ore ga nhure ga aegacũ  
 dêitico dêitico palavra x quanto x governo

arũ ore rũ ena tupana arũ ore.  
 de palavra e será? Deus de palavra  
 ou

Rũ yemaca tauũma niĩ ngũ ..."  
 e dêitico-por negação 3p- estar pronto

'eles [capitães antigos] nunca procuravam elas, aquelas palavras todas, a palavra do governo ou a palavra de Deus. E por isso nunca estava pronto'

(literalmente: 'eles *nunca* procuravam por elas, aquelas todas, essas quantas palavras, a palavra do governo ou a palavra de Deus. E por causa *disso nunca* estava pronto – yema 'isso', no trecho em questão, aponta para a ação de não procurar, anteriormente expressa)

Com o recurso do linguisticamente negativo criando um contraponto à cadeia integrada pela procura e da qual também faz parte o saber, Pedro surge no texto não só como a pessoa que procura e por isso tem conhecimento, mas também como a pessoa que dá o tom de uma ação que, sendo exemplar, é também eficaz.

### 3.6 A sustentação do discurso político e a reafirmação da identidade através do discurso religioso

"... ga muũma ga taacũ, tauma nanawaé ya  
 na tãewaéwa na tcha ũũ rũ bai ga bora arũ cugũ  
 ga tchoũ nawa namuũ rũ bai i porĩ arũ yii taũũma  
 tchoũ nanawaé wũicanatama, bai ga tchoũ petawa namũũ,  
 bai i wũi i dêarũ aũ ũ tchoũ naduéũ eẽũ rũ ngemaca  
 yeguma cūrũwa tchamaa niĩũ ..."<sup>28</sup>



(... muitas coisas ele [o patrão] não queria: ele não me deixava ir na brincadeira, não me fazia ir no jogo de bola, não queria para mim fumo de tabaco, nem na festa ele me deixava ir, bebida de cachaça ele me proibia. *E por causa disso desde aquela época eu estou acostumado...*)

"... ngūrūāitchi inangu maneca ga yema  
nhama ore ga *nawa i maéũ i nhumã ...*"

(... de repente chegou provavelmente essa palavra de hoje, *no meio dela é a vida agora...*)

"... erũ nacũ taacũ i ngema naca tchaduũ  
rũ taacũ i ngema tchaũũ rū ngemarũ wũi i aicumaũtchi  
niĩ rū tama wũi i dorataa nii rū ngemaca niĩ ga  
yatũ ga tauma ga taacũ nuũ nguũ rū ngemaca niĩ i  
nhuma i nhamaũcũũ rū tauũcama na imuũ ..."

(... porque por ela eu procurei e aquelas coisas eu fiz e isso, era uma coisa verdadeira, não era uma coisa mentirosa e por isso o homem [o patrão] não ganhou nada e por isso agora, nesta época, nós não temos medo...)

"... ngemaca nũma ga yema governo ... na  
yema aegacũ rū poraacũ na nawae i ngema maiyugũ icatama  
i iũ rū tama nanawae i ngema taacũ i tchoũ  
rũ tomagũ i iũ na nawae i maiyugũ rica nũgũmaã pegũũ  
rũ pora nũgũũ na ũũ rū nũgũ nangũeũ nũgũ nangetchaũ  
tautama nanawaeũ ngeã na daã rū toma nii i  
oo rū tauma tchaurũ nii rū tama tchautanũ nhãũ ...  
natũrũ yiemagũ rū wũi tama i nagawa tidea rū wũi  
tama ya conũ niĩ ya nawa i deacũ rū guũma nũũ  
nacua rū guũma nũũ na inũ rū ngemaacũ niĩ i ngema  
tchorũ poracũ i ya nguũ rū ate nhuma nhamamare ..."

(... e por isso ele é, aquele governo... existe o governo e muitas vezes ele quer só entre os índios os próprios índios e não quer brancos, civilizados no meio dos índios, ele quer só índios morando. E força para si mesmos eles fazem e a si mesmos ajudam, uns pelos outros têm amor, não querem pensar isto: esse daqui crê em outro, não é meu conterrâneo e não é meu parente, assim... Então nós mesmos uma só língua falamos, e todos sabem, todos pensam e por isso aquele meu trabalho está pronto até agora, só agora...)

No relato de fatos ligados à criação de Pedro junto à família do patrão, já estão presentes dados que irão fazer parte, de acordo com a ideologia da Santa Cruz, do conjunto de hábitos pertencentes ao âmbito da boa conduta: não jogar bola, não fumar, etc. Esses hábitos já foram incutidos em Pedro há muito tempo, ele os domina sem esforço e, em consequência disso, torna-se uma pessoa detentora de uma qualificação necessária não só para a inclusão nos quadros da Irmandade, mas também para a liderança dessa mesma Irmandade enquanto unidade articuladora de objetivos políticos mais amplos. Há uma causa em jogo ("uma coisa muito verdadeira") que permite a superação do medo. E, embora haja brancos seguidores da religião da Santa Cruz, a superação do medo, através da união pregada pela Irmandade, permite a congregação do saber e do pensar ("e todos sabem, todos pensam") e o reforço da própria identificação do grupo como povo, culturalmente distinguido pela língua ("uma só língua falamos") e politicamente marcado por uma independência apoiada na solidariedade do grupo ("força para si mesmos eles fazem e a si mesmos ajudam").

### 3.7 A dissensão interna

"... natürũ muũma i duũgũ rũ tama nũũ nacuega nanhunhaacũ nayĩĩ i tchorũ maũ rũ tchorũ bu, nangeta na tcha buũ..."

(... mas muitas pessoas não sabem como é minha vida e meu nascimento, onde eu nasci...)

"... natürũ muũma ga yema duũgũ rũ nũũ narũ daunũ, rũ yema na taacũ nanaũ rũ ngutaqueé nanaũ rũ ore tũmama na ya uũ rũ, natürũ muepũcũna ga yema duũgũ rũ naca narũdaunũ rũ taguma nana ũ ..."

(... então muitas daquelas pessoas, estavam olhando ele [o capitão Ângelo], o que ele ia fazer, ele fez reunião e palavra para nós ele contou. E então muitas vezes aquelas pessoas, estavam olhando ele e nunca ele fazia nada...)

"... yeguma ga muũma ga nhure ga yema yatũgũwa ügũũ..."

(... naquele tempo muitos daqueles [eram pessoas] que estavam do lado dos homens...)

"... a yeguma ga nūiraũ gücū yapegū i īgücū rū yarewagū i īgücū ... ga capitão natürū guma rū maneca taucūma naca- nadau a yema naca nadauñ yeana tūya úmareũ rū yeana tama tũñ nanagetchaũ rū tauma na natũ ma na ya auãtchiũ..."

(...[já tinha muitos] naquele tempo, primeiros capitães velhos, velhíssimos. Então todos, provavelmente não procuram por ele, aquele, por ele não procuram. Eles só contam a fama dos outros e não têm amor por nós e não têm pena dos parentes deles...)

"... natürū i tchama pa tchauenegū taguma ngeta... nuũ tchi iu i na nhu-nhaacūmare na tūna tchamuũ rū yigū tchi na tūna tcha aieũ..."

(... então eu, meus irmãos, nunca fiz fofoca, para ninguém eu mandei não gostar de um outro...)

"... natürū muūma i duũgū rū i tama nanawae nanawae tchina tchoũ ama yiiũ i naenee rū ngema tomagū arū poraama nanaũgũ..."

(... então muitas pessoas, não querem, elas querem ser irmãs do branco e aquela força dos brancos elas fazem...)

"... natürū maneca tauma i ngema na tcha gaiariũ rū tchona i tchorũ ūtanũ tauma tupana ūtawa rica ta nangemaũ ... i ngema ātanũ naca i guūma ate nhuma..."

(... então certamente não estou nesse para ganhar dinheiro e para existir pagamento para mim. Só com Deus ele existe... esse pagamento por eles todos até agora...)

Elementos referentes a dissensões existentes estão espalhados ao longo do texto. O dissenso pode vir à tona de mais de uma maneira. Ele se instala, no início do texto, através de uma observação quanto à necessidade de Pedro em dar a conhecer a um certo conjunto de pessoas circunstâncias de sua vida, estando aí implícita a afirmação de que há pessoas que desconhecem tais circunstâncias e que, talvez por desconhecê-las, não estejam fazendo julgamentos favoráveis à ação de Pedro. O dissenso encontra continuidade, por exemplo, através de um confronto de ações, as ações de Pedro *versus* as ações de um ou mais capitães, havendo deslocamentos temporais nesse confronto: Pedro, segundo capitão, *versus* Ângelo, primeiro capitão, ao chegar a Funai na área; no momento da produção do texto, Pedro *versus* capitães muito velhos, cuja ação envelheceu por não terem sabi-

do incorporar a procura na sua atuação enquanto líderes. Nesse último caso, Pedro tanto pode transferir o confronto entre ações para o olhar das pessoas – olhar crítico (“aquelas pessoas estavam olhando ele e ele nunca fazia nada”) – quanto assumir diretamente no seu dizer a crítica dos que divergem (“primeiros capitães velhos, velhíssimos mesmo”). A existência do dissenso aflora ainda através da negação, quando Pedro nega fazer fofoca, nega haver dado ordens com o fim de alcançar o rompimento de ligações entre as pessoas (“...para ninguém eu mandei não gostar de um outro...”).

O dissenso existe e no texto de Pedro há estratégias de convencimento, podendo essas estratégias se situar no nível do exemplo (sua conduta é exemplar, suas razões estão moralmente fundamentadas) ou no nível da ação (sua ação é eficaz, enquanto articuladora do procurar-saber-agir e, conseqüentemente, propiciadora de um quadro de melhora na situação de todas as pessoas, ao contrário da ação de outros Tikuna que, por não saberem, acabam querendo ser irmãos do branco, fortalecendo esses últimos).

### 3.8 *Testemunho e legitimação do dizer; o conhecimento preciso dos destinatários*

No texto produzido por Pedro Inácio, exemplo e ação são pontos cruciais para a argumentação, mas não são suficientes. É necessária, ainda, a comprovação do exemplo e da ação através da interpelação dos destinatários do discurso: esses são constantemente instados a confirmar o que está sendo dito. A interpelação se faz por meio do item lexical

t̥ t̥ t̥  
 cūmana [kɨmana]

t̥

sendo o morfema *k̥i* uma interjeição comum em diálogos e dirigida ao sujeito que ouve; para o item em questão nos foi dada invariavelmente como tradução a expressão ‘não é mesmo?’.

Cūmana aparece em várias oportunidades: ao afirmar Pedro ter esposa até o momento da produção do texto; ao falar de sua fixação na Colômbia, da notícia que correu quando da chegada da religião da Cruz, da sua volta ao Igarapé Preto, da sua investidura como guarda da Cruz, da sua falta de conhecimento, da chegada do governo à área, da avaliação feita pelas pessoas com relação ao primeiro capitão escolhido (Ângelo), da sua briga com o

padrão seringalista, da existência de pessoas que estavam do lado do padrão, da luta, das mortes... Em suma, quase todo o texto é atravessado pela necessidade de um testemunho. Os destinatários, presume-se, ou foram espectadores dos fatos quando esses se deram ou deles já tinham um conhecimento prévio através de outros. Num caso ou no outro impõe-se a necessidade de o relato estar ancorado em um testemunho. Esse testemunho dá a quem enuncia uma autoridade, legitimando o seu dizer. O que é dito é verdade porque já visto, já conhecido.

É interessante assinalar que, como já foi mencionado no início deste trabalho, o único espectador presente durante a produção do texto foi o pesquisador. No entanto, todo o texto é construído visando uma platéia além do espectador. Esse último está inserido no texto, tendo um lugar que se explicita ao final do discurso, quando Pedro diz "e para você eu contei" e em nome de seu povo agradece. Previu, ao certo, a saída de seu texto para paragens mais longínquas, mas seus principais destinatários estavam ali mesmo, em suas próprias casas, enquanto Pedro gravava sua produção em meu quarto de dormir.

**4** Uma certa continuidade formal entre recortes é sugerida a partir do confronto entre acontecimentos relatados e informações que representam esses acontecimentos. Do mesmo modo, pode-se falar aqui em descontinuidade formal entre recortes, partindo-se de um idêntico confronto. Interessamos, porém, focalizar a diferença e, paralelamente, a interligação entre os recortes, tendo em vista não só as diferentes posições ocupadas pelo sujeito no texto, mas também a unidade conferida pelo autor ao texto produzido.

Proximidade, afastamento da tradição, reconstituição de laços com o universo da tradição. Tais recortes não apontam para dois sujeitos, um que fale assumindo uma posição de dentro da sociedade Tikuna e um outro que, contraditoriamente, fale assumindo uma posição de fora dessa sociedade. Ao contrário, os sujeitos que falam, nesses recortes, falam sempre de dentro da sociedade Tikuna: há um sujeito que se reconhece nos elementos da tradição e que deles se utiliza; há um sujeito que critica a atuação de pessoas enquanto articuladoras de elementos da tradição. Os recortes em questão são interligados através da utilização ambivalente da figura do pai, figura que, ao mesmo tempo, aponta para a tradição e para uma atuação equivocada em relação à tradição. É na utilização ambivalente dessa figura que podem ser reunidas as duas formas de sujeito mencionadas. Cabe ainda salientar que, quanto ao afastamento da tradição, o sujeito que critica estende a sua visão ao mundo dos brancos: ao dizer, por exemplo,

"... nhaã tchoügü tanüwa tchaũ ..."  
 dêitico branco-pl meio para eu-ir

'para o meio daqueles brancos eu fui'

"... nhũma nhaã wũi i naäcürũ'ũ tchi'ĩ ..."  
 agora dêitico um x 3p-filho como eu-ser

'agora como se fosse filho de um deles'

emprega o dêitico nhaã, de uso comumente reservado para a indicação de coisas, e não de seres humanos, como se poderia supor a partir da tradução.<sup>29</sup>

O ser morador/o ser pessoa, o ser pessoa com conhecimento. O último recorte é a resolução do anterior e, nesse sentido, constitui a sua continuidade lógica. De acordo com o que já foi visto, fica claro que o sujeito que revela no texto a tensão entre o ser morador e o ser pessoa é aquele que se reconhece, no momento da produção do texto, como pessoa com conhecimento:

"... yeguma rü tchama rü taũma tchacuaega ..."  
 naquele tempo tópico eu tópico negação eu-ter conhecimento

'naquele tempo, eu, não tinha conhecimento'

"... yeguma rü taũtama tchacua ..."  
 naquele tempo tópico negação eu-saber, conhecer

'naquele tempo, eu não conhecia'

Jogada para um tempo distante, a ausência de conhecimento é atribuída a um sujeito que não é mais aquele que fala. A pessoa sem conhecimento, com o espaço da referência assegurado dentro do texto, seria completamente silente, caso pertencesse a um passado já superado para o sujeito que fala, caso não fosse possível localizar, no recorte da dissensão interna, pessoas sem conhecimento.

Quando não é jogada para um tempo distante, a ausência de conhecimento pode ser atribuída aos que divergem do sujeito que fala, ele próprio



identificando-se como possuidor de algum conhecimento. O sujeito que conhece pode, assim, exercer a crítica no seu dizer e, uma vez que há dissenso, tentar a legitimação desse dizer a cada passo.

O sujeito que critica fica, desse modo, igualado àquele que conhece. Nos recortes inicialmente abordados (afastamento da tradição, reconstituição de laços com o universo da tradição), havia-se revelado um sujeito crítico à atuação de pessoas enquanto articuladoras de elementos da tradição. Esse sujeito crítico, que reaparece em outros recortes (o ser morador/o ser pessoa; o ser pessoa com conhecimento), identificado como aquele que conhece, é quem reconhece que há dissenso e busca estratégias de convencimento. Ao lado desse sujeito, há um outro, que simplesmente se reconhece nos elementos da tradição. Em termos da maioria dos recortes estabelecidos, pode-se afirmar haver basicamente no texto duas formas de sujeito ligadas a duas formações discursivas aparentemente distintas. O sujeito que se reconhece nos elementos da tradição tem a sua posição ancorada em instituições (parentesco, matrimônio...) tal como elas tradicionalmente se concebem entre os Tikuna. O sujeito crítico, aquele que conhece, firma a sua posição a partir da representação instituída para a obtenção do conhecimento – o conhecimento enquanto resultante de uma busca e um encontro com o governo. Mesmo sem esquecer que o governo abarca uma classe especial de seres para os quais está previsto um lugar na cosmologia Tikuna (cf. 1), indagar pelo papel desses dois sujeitos no texto é uma questão fundamental, e uma resposta para ela não pode ser pensada sem que se examine a relação que esses dois sujeitos mantêm entre si ao se considerar a religião da Santa Cruz.

No recorte referente à sustentação do discurso político e à reafirmação da identidade através do discurso religioso (ver 3.6), ficou evidenciado que o domínio de hábitos pertencentes, de acordo com a ideologia da Santa Cruz, ao âmbito da boa conduta constitui uma qualificação necessária para a liderança da Irmandade enquanto unidade política. Desse ponto de vista, tais hábitos – que se chocam com costumes tradicionais dos Tikuna – compõem um quadro de favorecimento à ação política. Como essa ação se quer ação eficaz e como essa ação só é possível para uma pessoa com conhecimentos (ver 3.5), não é difícil apagar a formação ideológica na qual se apóia a religião da Santa Cruz e utilizá-la para favorecer a congregação do saber e do pensar e para reforçar a identidade do grupo. Contornada a contradição aparente, o sujeito que conhece pode emergir como o articulador do discurso religioso em benefício do discurso político, chegando a igualar a ambos:

"... ngeguma tautama nhama i naanecũa  
 quando negação dêitico x terra-origem

i aegacũ ga ta i inũgu ... tautama ta ya õ i tanatũ ..."  
 x governo palavra obedecer negação crer x 1p.pl-dono,pai

(... quando não existe a nossa obediência a essa palavra do governo...  
 não existe a nossa crença em nosso pai [do céu]...)

Esse fato aponta para uma instrumentalização da religião da Santa Cruz e terr: dois tipos de consequência. Uma, já mencionada no recorte em questão, diz respeito à identidade do grupo, que é visto como culturalmente distinguido, quer em termos lingüísticos, quer em termos políticos.<sup>30</sup>

A outra tem seu reflexo sobre a relação entre os dois sujeitos, o sujeito que conhece e que exerce a crítica e o sujeito que se reconhece nos elementos da tradição. A partir da instrumentalização da religião da Santa Cruz, em benefício de aspectos culturais próprios, fica evidente que a relação entre esses dois sujeitos é de sustentação mútua e que a pessoa que conhece só pode indicar, como saída política para o seu grupo, um caminho que esteja de acordo com a tradição.

Determinada a natureza da relação entre os dois sujeitos no texto, resta-nos indagar pela unidade conferida pelo autor ao texto que produziu. A construção dessa unidade vai passar, como pretendemos demonstrar, pela análise dos suprasegmentos, em particular pela análise integrada da intensidade, da altura e da duração. Tal análise, ao ser articulada com o domínio discursivo, permite a verificação não só da relação entre os sujeitos no texto, mas também a localização de elementos através dos quais os dois sujeitos se constroem como unidade, revelando-se, na unidade alcançada, o autor.

**5** Para análise de suprasegmentos no texto de Pedro Inácio e para a articulação dessa análise com o domínio discursivo, vamos aqui nos valer do cotejo de um trecho do texto de Pedro Inácio com parte de um texto mítico narrado por uma contadora de histórias, a velha Dalvina, de Belém do Solimões, grande aldeia Tikuna situada na margem esquerda do rio Solimões, à boca do Igarapé de Belém. Antes, porém, será necessário mencionar brevemente resultados já alcançados em outros trabalhos, uma vez que neles vamos nos apoiar para o cotejo pretendido.

O texto focalizado já foi objeto de análise experimental visando ao estudo da duração e da determinação de elementos para uma relação som/estrutura,<sup>31</sup> tendo sido igualmente objeto de uma interpretação da duração mediante análise auditiva. Entre os resultados alcançados nesse estudo, estão:

- o estabelecimento de padrões rítmicos auditivamente, tendo sido alcançado um relacionamento entre caracterização objetiva e interpretação auditiva em termos de duração;
- a determinação, através da mensuração dos padrões rítmicos, das faixas temporais em que os mesmos se movem; a partir de tais mensurações foram obtidas, entre outras coisas, médias aritméticas de troqueus ( - ∨ ), iambos ( ∨ - ), dátilos ( - ∼ ), anapestos ( ∼ - ) e espondeus ( - - );
- a revelação de que, nas médias de cada padrão mencionado, havia uma proximidade temporal muito grande entre troqueu e iambo, de um lado, e dátilo, anapesto e espondeu, de outro lado, configurando-se, assim, dois conjuntos básicos de padrões;
- a obtenção de uma média entre padrões, dada a proximidade temporal existente entre eles: obtenção da média entre troqueu e iambo e daquela entre dátilo, anapesto e espondeu;
- estabelecimento da diferença, em milissegundos, entre as médias dos padrões considerados básicos, tendo sido essa média traduzida em uma proporção, ou seja, um percentual relativo à diferença temporal que separa os dois padrões.

É necessário nesse ponto falar de uma noção na qual nos apoiamos para a realização do estudo mencionado. Essa noção é a de *agrupamento fonológico*.

A noção de agrupamento fonológico está ligada ao questionamento da idéia de que fenômenos fonológicos acabam por ser totalmente determinados pela estrutura morfo-sintática. Dito de modo mais claro, o agrupamento fonológico é uma tentativa de determinação de agrupamentos rítmicos sem que esteja na base dessa determinação a idéia de que a estrutura morfológica e sintática termina por fornecer o domínio maior dentro do qual são de-

sencadeados os processos fonológicos. Os agrupamentos alcançados poderiam fazer supor que na noção de agrupamento fonológico poderia estar contido o velho vocábulo fonológico ou ainda o grupo de força, não fosse o fato de que o agrupamento fonológico é por nós colocado na perspectiva do falante nativo, e não na do analista. Não se trata de tomar os enunciados produzidos e de neles identificar elementos demarcadores de agrupamentos fonológicos. Ao contrário, trata-se de recorrer ao falante nativo para que ele próprio passe ao pesquisador agrupamentos que poderiam ser efetivados se fossem outras as circunstâncias de produção de um determinado enunciado ou ainda se fosse outro o estilo utilizado pelo falante. Para a obtenção de agrupamentos fonológicos, buscamos fragmentar o texto, isto é, buscamos fazer com que o próprio produtor de um texto ouça e fragmente sua produção ou, não sendo isso possível, que o texto seja ouvido e fragmentado por um outro falante. No ato de fragmentar, um determinado falante pode retomar um texto e, à medida que o escuta, interrompê-lo a certos espaços de tempo –através do controle da tecla de pausa do gravador usado para a audição – e refazer seqüências dentro de um trecho do texto isolado. O papel do pesquisador, no que estamos chamando de fragmentação do texto, consiste em solicitar ao falante que reproduza o trecho isolado, pronunciando-o em velocidade lenta e nele inserindo pausas. A inserção de pausas, no caso, se dá por meio de uma fragmentação em que se fala parando e em que se fala “palavra” por “palavra”,<sup>32</sup> sem que aqui se forneça ao falante qualquer definição de palavra e sem que esse mesmo falante possa ser considerado como alguém que efetivamente domine a escrita.<sup>33</sup>

Como resultado do recurso ao falante nativo para a obtenção de agrupamentos fonológicos através da fragmentação do texto, tem-se, primeiramente, a constituição de grupos rítmicos sem uma vinculação prévia à estrutura morfológica e sintática. Seguem-se a isso a possibilidade de verificar a existência de certas medidas temporais na constituição dos agrupamentos fonológicos, bem como a possibilidade de checar essas medidas no texto estudado. E ainda como um efeito do recurso mencionado, cria-se a possibilidade de discutir em outras bases a relação agrupamentos rítmicos e pés, já que não se está tomando como primordial o acento de intensidade, quer durante a constituição de agrupamentos fonológicos, quer durante o confronto desses mesmos agrupamentos com aqueles já existentes no texto que estiver sendo focalizado.

Em Soares (em andamento), tentamos compreender o papel da intensidade em Tikuna, uma língua tonal.<sup>34</sup> Alguns resultados a que chegamos apontam ora para uma clara relação entre a sensação da altura e a intensidade sonora total de um segmento, ora para o fato de que nem sempre a fre-

freqüência fundamental ( $F_0$ ) é responsável pelo aumento de intensidade. Tais resultados nos levaram a considerar, no trabalho em questão, certos fatores como passíveis de interação com a freqüência fundamental e capazes de afetar a intensidade sonora total dos segmentos. Entre esses fatores estão a duração total dos segmentos envolvidos, a duração do segmento até a ocorrência do pico maior de intensidade e o primeiro e o segundo formantes dos sons que possuem estrutura de formantes. Considerados os fatores em questão, a relação freqüência fundamental/intensidade adquiriu outros contornos, tendo-se verificado as seguintes situações:

- a) existência de um gasto idêntico de energia em segmentos que exibem freqüências fundamentais diferentes e que são percebidos como portando tons diferentes; por exemplo:

	$\text{t}$ — n	$\text{r}$	$\text{r}$ — i	'primeiro'
Média de intensidade (dB)	24	14	24	
$F_0$ (Hz)	166.66	142.85	181.81	

- b) contribuição efetiva da freqüência fundamental para a energia total do segmento e para a sua percepção tonal, como se pode ver em

	$\text{t}$ — 't	$\text{t}$ — ε	$\text{t}$ — t	'Igarapé Preto'
Média de intensidade (dB)	20	5	30	
$F_0$ (Hz)	153.84	-	200	

- c) insuficiência da frequência fundamental para assegurar, sozinha, a percepção tonal; exemplo:

...a n a n o n a k<sup>h</sup> +  
 'saber como...'

Média de intensidade (dB)	24	14	24	11	22	9	31
F <sub>0</sub> (Hz)	142.85	133.33	142.85	153.85	142.85	125	125

- d) registro de uma percepção de intensidade desvinculada da frequência fundamental em termos de interpretação auditiva exemplo:<sup>35</sup>

...t s a b o k ā n a<sub>i</sub> n a gω  
 'nasci nele...'

Média de intensidade (dB)	27	12	31
F <sub>0</sub> (Hz)	200	200	200-166.66

As quatro situações apontadas podem ser reunidas em duas outras: uma em que intensidade e frequência fundamental se implicam mutuamente; outra em que não há uma correspondência estrita entre ambas. Na última situação, podem-se levantar e sustentar hipóteses relativas a uma ligação entre queda de intensidade e presença de anti-ressonâncias extras no enunciado, além de ser possível a interferência, no cômputo total da intensidade, de um outro componente que não a frequência fundamental e de ser igualmente possível uma interferência de um determinado processo da fona-



ção (laringalização) na percepção da altura.<sup>36</sup> Tanto em uma situação quanto na outra, a intensidade aparece como um elemento vinculado a um outro fator e sem autonomia dentro da língua.

Com os resultados mencionados acima, passemos, então, ao confronto pretendido.

**6** Os trechos dos textos focalizados, transcritos foneticamente, serão acompanhados de informações referentes à duração objetiva das pausas, sempre que isso for possível. Com relação à duração objetiva dos padrões rítmicos, ela será dada à medida que esses forem sendo delineados.

Ambos os textos foram construídos tendo por base uma fala andante, o que não impediu o aparecimento, ao lado de sílabas ultralongas, de sílabas ultrabreves – devidamente registradas na transcrição.

Ainda com relação à transcrição, distribuímos os textos em linhas, não porque já tivéssemos uma idéia prévia de sua estrutura rítmica, mas porque estávamos interessados em verificar a relação grupamentos rítmicos/marcações de acento de intensidade e em começar a tornar visível um papel para a pausa. A transcrição do texto em linhas reflete essa preocupação: ou elas se iniciam onde há uma marcação de acento de intensidade (transcrito com o sinal ◡ acima da representação tonal) ou por pausa. Tal preocupação não impede, porém, que sejam encontradas em uma linha mais de uma marcação de acento de intensidade ou mesmo uma pausa não-inicial.

Por fim, fica convencionado que a medida objetiva de um determinado padrão rítmico conterá a variável  $y$ , cada vez que não for possível medir objetivamente um determinado segmento.

### 6.1 O texto de Pedro Inácio

.1  
 n ò k h t a i n o i  
 antigo x primeiro

.2      ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ  
          tɕama kaŋ tɕona ŋɛɛma dza tɕaɔnati  
          eu      não é      eu-para      existir      x      meu-dono, pai  
                       mesmo?              ele  
          ~~~~~

.3      ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ  
          ʌ natii tɕamaɪ tɔneti  
          mas eu      tópico      Igarapé Preto  
          ~~~~~  
          610.74 msec

.4      ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ  
          ʌ watɕa dza ʌ  
          em eu-criar  
          ~~~~~  
          889.72 msec

.5      ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ  
          tɔneti kəa? dɕi i tɕama  
          Igarapé Preto      origem      ser      x      eu  
          ~~~~~

.6      ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ ʈ  
          ʌ natii  
          mas  
          ~~~~~  
          ±580.58 msec

836.94 mseg

UU - - UU

CC - CC = 2 - 2

- 3 -

301.60 mseg

'Antigamente primeiro eu – não é mesmo? – para mim existia meu pai,  
 mas eu me criei no Igarapé Preto, sou natural do Igarapé Preto, mas  
 muitas pessoas, não sabem como é minha vida e meu nascimento,  
 onde me criei...'

No texto 1, durante o processo de fragmentação, o produtor do texto  
 refez as seqüências introduzindo novas sílabas e, com isso, revelou ao  
 mesmo tempo formas plenas e processos que relacionam tais formas àque-  
 las que aparecem no texto.<sup>37</sup> Paralelamente, desconsiderou em certos  
 momentos determinadas formas, entre elas um tipo de partícula – as quais  
 estamos tratando como X<sup>38</sup> – e surpreendentemente isolou formas que po-  
 deriam ser consideradas como presas. Como exemplo desse último fato,  
 observem-se as linhas 1 e 5 do texto e vejam-se as seqüências abaixo, ob-  
 tidas durante a fragmentação e a elas referentes:

[linha 1]

ᵀ ᵀ ᵀ	ᵀ ᵀ ᵀ
n ò k i m a	n ò k i m a
antigo	antigo

ᵀ ᵀ ᵀ	ᵀ ᵀ ᵀ ᵀ	ᵀ ᵀ
i n ç i	i η ε g o m a	n ç i
x primeiro	x quando	primeiro

[linha 5]

ᵀ	ᵀ	ᵀ ᵀ	ᵀ ᵀ
k i ā	k i ā	t s i ? i	t s i ? i
origem	origem	eu-ser	eu-ser

Em a) a partícula  $\overset{h}{i}$  – que aparece inclusive precedendo um item

$\overset{h}{\eta} \overset{h}{\varepsilon} \overset{h}{g} \overset{h}{\omega} m \overset{h}{a}$

que não se encontra no texto inicialmente produzido (ver linha 1) – é omitida ao ser retomado o item

$n \overset{h}{\varnothing} \overset{h}{i}$  'primeiro'

Em b) o morfema  $k \overset{h}{i} \overset{h}{\tilde{a}}$ . 'origem', que poderia ser considerado forma presa,<sup>39</sup> foi não só isolado do item ao qual estaria preso – no caso,

$t \overset{h}{\omega} n \overset{h}{\varepsilon} t \overset{h}{i}$  'Igarapé Preto'

– mas também integrado a um todo do qual faz parte um item

$t \overset{h}{s} \overset{h}{i} ? \overset{h}{i}$  'sou'

ao qual  $k \overset{h}{i} \overset{h}{\tilde{a}}$  semanticamente não se refere.

Pode-se identificar uma primeira questão a partir da observação do texto produzido, ao se considerarem medidas obtidas para a duração.<sup>40</sup> Voltemos, a título de exemplo, às linhas 1 e 5 do texto.

Em 1, observa-se que a partícula  $\overset{h}{i}$  possui, em termos objetivos, uma duração ultrabreve em face das outras sílabas da mesma linha. Uma primeira suposição seria pensar que a duração objetivamente ultrabreve da partícula se deve ao fato de que essa é constituída apenas por um segmento silábico. Essa suposição, porém, não se sustenta, uma vez que no texto há outras sílabas, materialmente constituídas de mais de um segmento, que também possuem duração objetiva ultrabreve. Certamente, uma explicação para a existência dessas sílabas ultrabreves deve ser buscada em outra parte.

Em 5,

$\begin{array}{c} \text{r} \\ \text{k} \text{ } \text{ã} \text{ } \text{a} ? \end{array}$  'origem'

auditiva e objetivamente uma sílaba longa não fornece por si só qualquer indicação sobre uma medida temporal que pudesse ligar essa sílaba a uma ou mais sílabas adjacentes, nem essa medida surge da mera inspeção da duração de sílabas ou do ato de considerar os acentos de intensidade que delimitariam o trecho no qual o morfema referente à 'origem' se encontra. Também aqui impõe-se a necessidade de buscar em outra parte elementos que revelem a utilização de um determinado tipo de duração.

Os problemas levantados através da observação das linhas 1 e 5 constituem duas faces de uma mesma questão: como determinar e como justificar a existência de grupos rítmicos em um dado texto. Ao utilizar como ponto de referência os reagrupamentos feitos pelo falante, sobretudo naqueles casos em que são quebradas expectativas durante a fragmentação do texto, pode-se chegar a uma resposta para a questão apontada.

Correlacionando-se, ainda a título de exemplo, as observações referentes ao que se viu nas linhas 1 e 5 do texto com aquelas já feitas quando da apresentação das seqüências correspondentes obtidas durante a fragmentação, é possível levantar as seguintes suposições:

- a duração objetiva ultrabreve da partícula  $\begin{array}{c} \text{r} \\ \text{k} \end{array}$  no texto estaria ligada ao fato de essa partícula ser momentaneamente desconectada do item que a segue – o que de fato ocorre em um momento da fragmentação;
- o fato de  $\begin{array}{c} \text{r} \\ \text{k} \text{ } \text{ã} \end{array}$  'origem' poder formar um todo, durante a fragmentação, com um item ao qual semanticamente não se refere, pode significar que todos fonológicos venham a ser constituídos da mesma maneira em um texto.

Para testar tais suposições é suficiente verificar, em primeiro lugar, os resultados que haveria ao serem elas levadas para o texto focalizado. Em segundo lugar, seria preciso que no próprio texto houvesse evidências que sustentassem essas suposições.



Primeiramente, os resultados das suposições.

No texto, se sílabas ultrabreves forem agregadas a sílabas precedentes, desconectando-se do item seguinte, determinados todos fonológicos passarão a ter as seguintes durações em milissegundos:

linha 1

$\begin{array}{r} \text{ṯ}^{\text{h}} \text{ma} \text{i} \\ \text{nōk}^{\text{h}} \quad \text{x} \\ \hline 708.76 \end{array}$

$\begin{array}{cccc} \uparrow & \uparrow & \uparrow & \uparrow \\ \text{mo?} & \text{ma} & & \text{i} \\ \text{muito} & & & \text{x} \end{array}$

No texto, se  $k \overset{t}{\underset{a}{e}}$  ? 'origem' estiver fonologicamente ligado ao item seguinte, o todo fonológico do qual passa a fazer parte e ao qual, supõe-se, é agregada uma sílaba ultrabreve, terá a seguinte duração em milissegundos.

linha 5

...kəa? dzĩ ı...  
origem ser x

Os todos fonológicos acima referidos se encontrariam, em princípio, delimitados, de um lado, por uma sílaba ultrabreve e, por outro, ou por pausa ou por uma sílaba que supostamente integraria o todo (caso da linha 5). Nem sempre desse tipo de constituição se pode tirar inferências relativas a medidas temporais, já que há fatores que interferem na manutenção de uma possível medida temporal que seja relevante. Por exemplo, na linha 1, a primeira sílaba de

nōk<sup>h</sup>i mai      = u u u

é bastante alongada (301.60mseg), sendo que a maior participação nesse alongamento vem da vogal (226.20mseg); ao mesmo tempo é a vogal dessa sílaba que detém uma alta intensidade (24 dB), que ocorre de par com uma alta frequência fundamental (200 Hz). Em suma, há aqui uma conjunção de fatores – longa duração, alta intensidade, alta frequência fundamental –, conjunção essa que se encontra associada a um processo de ênfase e que, em decorrência disso, dificulta a identificação de uma medida temporal relevante localizada acima dos segmentos e da sílaba. Entretanto, é possível levar adiante nossas suposições iniciais, desde que explicados certos casos de alteração temporal, tal como o ocorrido na linha 1.

Na linha 5, ao se levar adiante a idéia de que

$\begin{array}{ccccccc} \text{t} & & \text{t} & \text{t} & & & \\ \text{k} & \text{ə} & \text{a} & ? & \text{d} & \text{z} & \text{i} & \text{i} & & - & \sim & \approx \\ \text{origem} & \text{ser} & \text{x} & & & & & & & & & \end{array}$

constitua um todo fonológico, por extensão deverão ser considerados da mesma maneira os itens que o ladeiam, os quais se referem a 'Igarapé Preto' e a 'eu', e se encontram de um dos lados delimitados por pausa. Estes itens passarão a constituir, respectivamente, um dátilo (  $\sim\sim$  ) e um troqueu (  $\sim\sim$  ):

$\begin{array}{ccccccccccc} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & & \text{t} & \text{t} & & \text{t} & \text{t} & \\ \sim & \text{t} & \text{ə} & \text{n} & \text{ɛ} & \text{t} & \text{i} & & \text{k} & \text{ə} & \text{a} & ? & \text{d} & \text{z} & \text{i} & \text{i} & & \text{t} & \text{s} & \text{a} & \text{m} & \text{a} \\ & & & & & & & & & & & & & & & & & & & & \\ \text{Igarapé Preto} & \text{origem} & \text{ser} & \text{x} & \text{eu} \\ & \underbrace{\sim\sim\sim}_{\text{y+565 mseg}} & \underbrace{\sim\sim\approx}_{\text{520.26 mseg}} & \underbrace{\sim\sim}_{\text{399.62 mseg}} \end{array}$

Antes de irmos adiante, cabem aqui algumas observações sobre a intensidade. As marcações dos acentos de intensidade poderiam fazer crer que esses se constituem em elementos essenciais para a identificação de pés ou intervalos.

No entanto, informações adicionais revelam o contrário. Por exemplo, na linha 5: na primeira vogal do item referente a 'Igarapé Preto' a intensidade é alta – há oscilações na intensidade, ficando a média por volta de 26dB; a

freqüência fundamental não é, em termos relativos, baixa (166.66Hz), enquanto o primeiro formante da vogal, bastante intenso, coexiste com um segundo formante de intensidade muito fraca; a intensidade total da vogal fica, assim, vinculada à freqüência fundamental e provavelmente à intensidade de um dos formantes. Já na primeira vogal do item referente a 'eu', a freqüência fundamental é relativamente baixa (fica entre 153.84Hz e 142.85Hz), ao passo que a intensidade total é alta (33dB). Essa alta intensidade pode-se derivar da interação da intensidade com o final da consoante africada: o pico maior da intensidade ocorre bem no início da vogal (aos 22.62 mseg) – cuja duração total é bem maior (135.72mseg) –, sendo que o que existe a partir daí é uma queda de intensidade. Além disso, a vogal que precede a consoante africada, e que em tese pertence ao todo fonológico anterior, já apresenta uma energia total por volta de 33dB. As indicações aqui são, portanto, de que não é a intensidade que justifica a percepção de uma batida acentual; a intensidade apenas coincide com a percepção da batida, mas, sozinha, não gera essa percepção. As observações feitas quanto à intensidade sugerem que a identificação de pés ou intervalos não deva estar presa à existência de tonicidade, o que nos devolve à busca de uma resposta para identificação e justificação de grupos rítmicos.

Retomando o que passa a existir na linha 5, a partir da hipótese de que

$\begin{array}{ccccccc} \text{┆} & & \text{┆} & \text{┆} & & & \\ \dots k\bar{e}a? & dz\bar{i} & i\dots & - & u & u & \\ \text{origem ser } x & & & & & & \end{array}$

constitua um todo fonológico, podemos anotar e mesmo já tecer algumas considerações sobre as medidas relativas a esse todo (520.26mseg) e ao dátilo e ao troqueu (respectivamente, com y+525mseg e 399.62mseg) que foram delimitados em função da possível existência do referido todo fonológico. Com relação à medida obtida para o suposto dátilo,

$\begin{array}{ccccccc} & & \text{┆} & \text{┆} & \text{┆} & & \\ & & \text{┆} & \text{┆} & \text{┆} & & \\ \sim & t\omega n\epsilon i & & - & u & u & \\ \text{Igarapé Preto} & & & & & & \end{array}$

ela comporta em senão: não pode ser computada, devido ao fato de que esse padrão rítmico é iniciado por consoante oclusiva que, por se encontrar precedida de pausa, não pode ser medida. Já no que diz respeito às medidas para o todo fonológico postulado e para o troqueu que o segue, elas po-

dem ser computadas e comparadas: a do todo excede a do troqueu em 120.64mseg, o que pode ser um indicativo da existência de uma diferença relevante entre dois tipos de medida temporal. (*O percentual de diferença entre os dois é de 30%.*)

Os resultados de nossas suposições iniciais são interessantes: eles permitem que padrões rítmicos sejam delineados, dão lugar a inferências relativas a medidas temporais e, sobretudo, abrem caminho para a obtenção de uma medida temporal que seja relevante. Prossigamos, então, tentando encontrar, no próprio texto, maiores evidências em favor de nossas suposições.

Em outras partes do texto também há sílabas ultrabreves. Continuemos, por enquanto, com a possibilidade de elas se agregarem a sílabas precedentes, explorando ainda as seqüências obtidas durante a fragmentação. Essas seqüências se seguem abaixo, sendo dadas as linhas às quais elas correspondem:

[linha 2]

c)             $\begin{array}{ccccccc} \text{┐} & \text{┐} & \text{┐} & & \text{┐} & \text{┐} & \text{┐} \\ \text{└} & \text{└} & \text{└} & & \text{└} & \text{└} & \text{└} \end{array}$   
 kəānakĩ...tʃoʔĩ... dʒa... nāŋɛma...  
 mesmo eu-para x 3ª. p-existir  
  
                $\begin{array}{ccccccc} \text{┐} & \text{┐} & \text{┐} & & \text{┐} & \text{┐} & \text{┐} \\ \text{└} & \text{└} & \text{└} & & \text{└} & \text{└} & \text{└} \end{array}$   
 dʒa tʃaʊnatĩ...tʃaʊnatĩ...  
 x meu-dono meu-dono  
               pai pai

[linha 3]

d)             $\begin{array}{ccccccc} \text{┐} & \text{┐} & \text{┐} & & \text{┐} & \text{┐} & \text{┐} \\ \text{└} & \text{└} & \text{└} & & \text{└} & \text{└} & \text{└} \end{array}$   
 natĩĩ... tʃamarĩ... tĩ... tʊnetĩ...  
 mas; eu tópico tópico Igarapé Preto  
 então

[linha 4]

e)       $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & & \text{r} \\ \text{a} & \text{a} & \text{u} & \text{a} & & \text{a} \end{matrix}$   
 tsadza. tsadza. ... β<sup>w</sup>a  
 eu-criar eu-criar      locativo

[linha 7]

f)       $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & & \text{t} & & \text{t} & \text{t} & \text{t} & & \text{t} \\ \text{a} & \text{a} & \text{a} & & \text{a} & & \text{a} & \text{a} & \text{a} & & \text{a} \end{matrix}$   
 mōʔĩma. ... i. doʔʔĩ... doʔʔĩgi. gi.  
 muitos      x      pessoa      pessoa monte  
                                          monte

[linha 8]

g)       $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & & \text{t} & \text{t} & & \text{t} & \text{b} & \text{t} \\ \text{a} & \text{a} & & \text{a} & \text{a} & & \text{a} & \text{a} & \text{a} \end{matrix}$   
 tama. ... nĩʔĩ. ... naʔ<sup>w</sup>æga.  
 negação 3ª      3ª pessoa - ter conhecimento  
                                          pessoa  
                                          objeto

$\begin{matrix} \text{t} & & \text{t} & & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{a} & & \text{a} & & \text{a} & \text{a} & \text{a} \end{matrix}$   
 nō. ... naʔ. ... nadziʔĩ ...  
 como

[linha 9]

h.       $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & & \text{t} & \text{t} & & \text{t} & \text{t} & \text{t} & & \text{t} \\ \text{a} & \text{a} & & \text{a} & \text{a} & & \text{a} & \text{a} & \text{a} & & \text{a} \end{matrix}$   
 maʔĩ. ... tsoʔĩ... tsoʔĩ bo. bo. ...  
 vida      meu      meu      nas- nascimento  
                                          ci-  
                                          men-  
                                          to

[linha 10]

i)             $\begin{smallmatrix} \text{t} \\ \text{ŋ} \end{smallmatrix} \dots \text{ta} \dots \text{bo?i}$   
               onde            criança

Na linha 2 do texto de Pedro Inácio há uma sílaba ultrabreve em meio a sílabas longas e breves. Cotejada essa sucessão de sílabas à sequência produzida quando da fragmentação do texto, torna-se evidente que, entre o que está no texto inicialmente produzido e o que está no texto fragmentado, há duas espécies de diferença: aquela que resulta do aparecimento de formas plenas no texto fragmentado e a que diz respeito à alteração na ordem, à junção e disjunção de um dos elementos do texto. Em primeiro lugar, o aparecimento de formas plenas. As formas plenas

$\begin{smallmatrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{k} & \text{ã} & \text{naki} \end{smallmatrix}$             'não é mesmo?'

$\begin{smallmatrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{so?i} \end{smallmatrix}$             'para mim'

$\begin{smallmatrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{nã} & \text{ɛ} & \text{ma} \end{smallmatrix}$             'ele existe'

e que estão em c), não são exatamente aquelas que aparecem no texto inicialmente produzido: parte do item referente a 'não é mesmo?' é alterada, parte é suprimida, tornando-se a consoante nasal silábica; o afixo que indica objeto

$\begin{smallmatrix} \text{t} \\ - & \text{i} \end{smallmatrix}$

aparentemente suprimido em 'para mim', tem em seu lugar um outro afixo de idêntico significado e com duração reduzida

$\begin{smallmatrix} \text{t} \\ - & \text{na} \end{smallmatrix}$             'para'



sendo que a presença desse pode ser inferida através de uma comparação do trecho que estamos focalizando com o que a ele corresponde em uma reprodução escrita na língua Tikuna do mesmo texto de Pedro Inácio:<sup>42</sup>

tchona nangema  
 eu-para ele-existir  
 'para mim existia'

Com a presença desse último afixo referente a 'para', passam a estar em contato duas formas materialmente semelhantes do ponto de vista segmental – o afixo em questão e o prefixo de 3ª pessoa

ṭ  
 nã -

que ocorre em c)

ṭ ṭṭ ṭ  
 nãɛɛma 'ele existe'

e que, ao que tudo indica, sofre queda na linha 2. Com relação à alteração de ordem, à junção e disjunção durante o processo de fragmentação, essa se dá com a partícula

ṭ  
 dza 'x'

que, em c), é momentaneamente distanciada do item ao qual se ligaria

ṭ ṭṭ  
 tsaɔnati 'meu pai'

sendo depois a ele agregada e em seguida dele desconectada.

As diferenças, tendo em vista a linha 2, entre o texto inicialmente produzido e o texto fragmentado, apontam para uma possibilidade de constituição de padrões rítmicos na própria linha 2. As reduções que sofre o item referente a 'mesmo', bem como os efeitos da contigüidade entre o afixo refe-

rente a 'para' e aquele referente a '3ª pessoa', permitem que se postule a existência, na linha 2, de um padrão rítmico:

<p> <math>\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \text{ t} \text{ t} \\ \text{ka} \text{nt} \text{s} \text{ona} \\ \text{não é} \\ \text{mesmo? eu-para} \end{array}</math> </p>	<p> <math>\text{u} \text{ u} - \text{u}</math> </p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------

Uma outra pista de constituição de padrão rítmico, ainda na linha 2, é dada não só pela alteração na ordem, mas também pela junção e disjunção que afetam

<p> <math>\begin{array}{c} \text{t} \\ \text{dza} \end{array}</math> </p>	<p>'x'</p>
---------------------------------------------------------------------------	------------

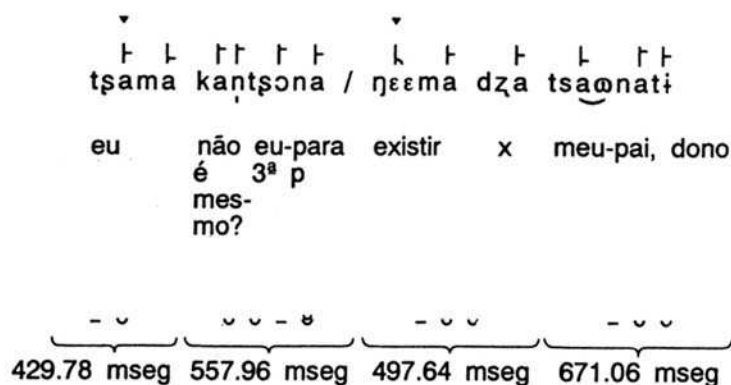
durante o processo de fragmentação. É possível que, diante do que já se viu, exista na linha 2 um padrão rítmico

<p> <math>\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \text{ t} \\ \text{ne} \text{ma} \text{ dza} \\ \text{existir} \text{ x} \end{array}</math> </p>	<p> <math>- \text{u} \text{ u}</math> </p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------

ao invés de um padrão rítmico

<p> <math>\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \text{ t} \text{ t} \\ \text{dza} \text{ tsa} \text{onati} \\ \text{x} \text{ meu} - \text{dono, pai} \end{array}</math> </p>	<p> <math>\text{u} - \text{u} \text{ u}</math> </p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------

No caso de existirem os padrões rítmicos acima delineados, a linha 2 terá, em termos de grupos rítmicos, a seguinte constituição:



A diferença entre o troqueu ( - ˘ ) e um tipo de anapesto modificado ( ˘ - ˆ ) que o segue é de 128.18mseg. (*O percentual de diferença entre os dois é de 29%.*) Os dois dátilos ( - ˘ ) que vêm em seguida não possuem exatamente a mesma medida temporal: o segundo excede o primeiro em 173.42mseg. Por essa diferença podem ser responsabilizadas em grande parte as consonantes orais do item referente a 'meu pai', cujas durações são de 143.26mseg ([t̥s̥]) e 180.96mseg ([t̥]). Os núcleos vocálicos desse mesmo item são de duração relativamente curta, à exceção do ditongo [ a̯ ], que possui duração objetiva de 128.18mseg. Como as durações longas do item referente a 'meu pai' sobrepujam a única duração longa existente no todo fonológico anterior (a do núcleo vocálico de sua primeira sílaba, com 165.88mseg), não chega a surpreender a diferença temporal existente entre os dátilos em questão, como também talvez não chegue a surpreender o percentual da diferença temporal existente entre eles (34%).

Quanto às marcações de acento de intensidade auditivamente percebidas e registradas na linha 2, a primeira delas reflete uma média de intensidade alta (27dB) – em termos das vogais imediatamente anterior e imediatamente seguinte –, média que não está inteiramente vinculada à frequência fundamental, já que essa é relativamente baixa (142.85Hz), mas que parece ser dependente em algum momento da duração, pelo fato de o pico maior de intensidade ocorrer praticamente na metade do segmento (30.16dB aos 67.86mseg).<sup>43</sup> Já a segunda marcação de intensidade, quando verificada a sua expressão em termos objetivos, mostrou estar ligada a uma média de intensidade alta (29dB) em relação às vogais imediatamente vizinhas, não se tendo visto nessa média uma vinculação com a frequência fundamental, que é relativamente baixa, nem com a duração, já que o maior pico de intensidade passa da metade do segmento. Em suma, se a primeira marcação de in-

tensidade parece vinculada a um outro fator, o mesmo não se dá com a segunda, havendo de comum entre ambas apenas o fato de revelarem uma coincidência entre a percepção de uma batida acentual e a constituição dos dois conjuntos de grupos rítmicos delineados, os quais foram separados na última transcrição através de uma barra.

Na linha 3 do texto inicialmente produzido por Pedro Inácio também há uma sílaba ultrabreve em meio a sílabas longas e breves. Procedendo-se a um idêntico confronto entre o que está no texto inicialmente produzido e o que está no texto fragmentado, constata-se não só a aderência da marca de tópico ao item que imediatamente a precede, mas também a relativa autonomia dessa mesma marca. Projetando-se o que se encontra no texto fragmentado sobre a linha 3 do texto inicialmente produzido, pode-se aventar a existência dos padrões rítmicos abaixo, com as suas respectivas medidas temporais:

└└└	└└└	└└└
˘natɪɪɪ	tʃamari	tɔnɛti
mas	eu top.	Igarapé Preto
— ∪ ∪	— ∪ ∪	— ∪ ∪
482.56	512.72	776.62

Nessa linha estariam dois dátilos nas extremidades, intermediados por um todo fonológico que, ao primeiro olhar, não se sabe ser um dátilo. A diferença entre esse todo fonológico e o dátilo inicial é da ordem de 30.16mseg, uma diferença pequena que não permite que o todo fonológico em questão seja situado em uma faixa temporal diferente daquela que está localizado o dátilo inicial. A relevância temporal do todo fonológico apontado será vista mais adiante, ao tratarmos da linha 7 do texto inicialmente produzido. No mais, há aqui a registrar a grande duração da primeira e da última sílabas do último dátilo (respectivamente com 316.68mseg e 286.52mseg), fruto de um alongamento resultante de um processo de ênfase.

Com relação à linha 4, a fragmentação do texto revela a autonomia fonológica do locativo. Essa autonomia é verificada na própria linha 4, na medida em que o locativo, sintática e semanticamente ligado ao item referente a 'Igarapé Preto', que se encontra na linha anterior, passa a constituir um todo fonológico – um anapesto ( ∪ ∪ – ) – juntamente com o item referente a 'criei':

$\begin{array}{c} \text{f} \text{ f} \text{ f} \\ \wedge \text{ wat} \text{ sadza} \wedge \\ \text{locativo} \quad \text{eu-criar} \end{array}$   
 $\underbrace{\quad \quad \quad}_{628.02 \text{ mseg}}$

Na linha 6, cabe aqui apenas observar que a última sílaba do dátilo

$\begin{array}{c} \text{f} \text{ f} \text{ f} \\ \wedge \text{ nat} \text{ i} \text{ i} \wedge \end{array}$   
 $\underbrace{\quad \quad \quad}_{723.74 \text{ mseg}}$

é, contrariando a análise auditiva, objetivamente bastante alongada (263.90mseg, dos quais 233.74mseg pertencem à vogal). Esse caso não é único, tendo sido constatadas como objetivamente longas sílabas finais que, auditivamente breves, precedem pausa longa.

A linha 7 já foi parcialmente abordada, tendo sido nela postulada a existência de um todo fonológico.

$\begin{array}{c} \text{f} \text{ f} \text{ f} \text{ f} \\ \text{mo?} \text{ i} \text{ ma} \text{ i} \\ \text{muito} \quad \text{x} \end{array}$   
 $\underbrace{\quad \quad \quad \quad}_{y+535.34 \text{ mseg}}$

As medições relativas a esse todo estão incompletas. No entanto, a sua postulação já nos faz voltar a atenção para o restante da sequência que está na linha 7. Nesse restante, de acordo com o que se obteve em termos da fragmentação do texto, está a possibilidade de

$\begin{array}{c} \text{f} \text{ f} \\ \text{do} \text{ i} \text{ i} \text{ g} \text{ i} \\ \text{pessoa} \text{ monte} \end{array}$   
 $\underbrace{\quad \quad \quad}_{\quad \quad \quad}$

ser um todo fonológico, o que nos levaria a admitir que a marca de tópico, expressa através de uma sílaba ultrabreve e ausente durante a fragmentação, também integraria o mesmo todo, o qual seria então



Uma outra possibilidade, porém, também nos é dada através do processo de fragmentação. Nesse,



é igualmente apresentado como uma forma que possui uma relativa autonomia fonológica. A ser levada em consideração essa relativa autonomia, haveria um todo fonológico



ao qual se seguiria outro todo,



O importante nesse ponto não nos parece ser encontrar critérios eficazes e seguros que nos possibilitem decidir entre uma alternativa e outra de análise.



As duas são possíveis. Mais importante talvez seja tentar entender o que nos revelam as medidas temporais relacionadas aos todos fonológicos postulados. Na primeira possibilidade,

└─┬┬  
 doĩĩ gĩ iĩ

— ◡ ◡ ◡ ◡

a medida temporal obtida por si só não nos diz muita coisa. Na segunda possibilidade,

└─  
 doĩĩ  
 pessoa

— ◡ ◡

└─┬┬  
 gĩ iĩ  
 monte tópico

◡ ◡

as medidas temporais reveladas são interessantes: a primeira delas – 512.72mseg – coincide com a de um todo fonológico encontrado na linha 3

└─┬┬┬  
 t̥samarĩ  
 eu tópico  
 └─◡◡  
 512.72 mseg

todo esse que não se sabia ao certo ser um dátilo (ver p. 94); a segunda medida – 256.36mseg – é exatamente a metade do valor temporal possuído pelo dátilo que existe em

└─  
 doĩĩ  
 pessoa  
 — ◡ ◡

Essas medidas são interessantes não porque traduzem uma constante temporal, isto é, um valor temporal fixo acima dos segmentos e das sílabas. Elas se tornam interessantes na medida em que revelam haver um jogo de medidas temporais, um jogo que, sem levar a um ritmo fixo ou a um ritmo em tudo variado, favorece a existência, acima dos segmentos e das sílabas, de medidas temporais relevantes, ligadas, possivelmente, a expectativas de repetição tanto por parte do falante quanto por parte do ouvinte. Do ponto de vista do interesse levantado por essas medidas é que estamos afirmando que, em se tratando do que se viu na linha 7, não é tão importante encontrar critérios eficazes e seguros para decidir entre as duas possibilidades apontadas de constituição de um ou dois todos fonológicos: nas duas possibilidades mencionadas estão embutidas as mesmas medidas e, com elas, vem uma determinada expectativa de repetição.

Na linha 8, o texto inicialmente produzido, quando cotejado com o que está no texto fragmentado, traz, ao mesmo tempo, um dado esperado e um dado inesperado.

Dado esperado: o complemento

$\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \\ \text{n} \text{?} \text{?} \end{array}$ 
'3ª pessoa objeto'

de

$\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \quad \text{t} \\ \text{na} \text{?} \text{?} \text{w} \text{a} \text{?} \text{ga} \end{array}$ 
'3ª pessoa – ter conhecimento'

presente, conforme o previsto,<sup>44</sup> no texto fragmentado é omitido no texto inicialmente produzido. Essa omissão poderia não ter maiores consequências não fosse o fato de que, provavelmente em função dela, se tem uma alteração na duração da primeira sílaba do item que indica 'negação', o qual sendo

$\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \\ \text{tama} \end{array}$

no texto fragmentado aparece como

$\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \\ \text{tama} \end{array}$

no texto inicialmente produzido. A mudança de duração da primeira sílaba do item acima faz supor que, omitido o item referente a '3ª pessoa objeto', tenha havido uma reestruturação rítmica, com o prefixo de 3ª pessoa

└  
na?-

existente em

└      ɬ┐└  
na?ɸwæga

'3ª pessoa – ter conhecimento'

adquirindo uma ligação duracional com o item que indica negação. Essa ligação, que vamos aqui chamar de integração rítmica, nos daria, no texto inicialmente produzido, um todo fonológico

└      ɬ┐└      └  
tama      na  
negação 3ª pessoa  
~~~~~  
550.42 mseg

O deslocamento do prefixo de 3ª pessoa em 'ele – ter conhecimento', em função de uma integração rítmica entre esse prefixo e o item que o antecede, não faria, certamente, com que as sílabas da raiz de 'ter conhecimento' acompanhassem de imediato o prefixo de 3ª pessoa no deslocamento ocorrido. Ao contrário, há indicações de que isso não se dá: a raiz que, no texto fragmentado, possui apenas sílabas breves, sendo

ɬ┐└  
~~~~~  
ɸwæga

'ter conhecimento'

no texto produzido é

└  
ɬ┐└  
ɸwæga  
~~~~~

'ter conhecimento'

que – revelam as medições objetivas – é realizada por volta de 527.80mseg,<sup>45</sup> medida próxima ao do anapesto anterior.

Antes de falarmos do que, na linha 8, constitui um dado inesperado, voltemos a um ponto importante: a marcação dos acentos de intensidade. Na linha 8, constituída em seu início, de acordo com o que vimos, por um anapesto e um dátilo, há marcações relativas ao acento de intensidade. A ambas correspondem médias de intensidade altas: 32dB alcança a vogal que porta o primeiro acento; 31dB, aquela que porta o segundo acento. As vogais em questão possuem a mesma frequência fundamental (166.66Hz), que, no trecho em questão, pode ser considerada relativamente alta, devido a uma mudança de tessitura. No entanto, embora haja uma quantidade de energia muito próxima despendida na realização das vogais focalizadas, apenas uma delas porta a batida acentual: a primeira. A segunda foi acentuada por nós, com toda a certeza, por efeito de sua altura e, caso ela tivesse algum papel na língua, estaria imediatamente destruída a estrutura rítmica inicial da linha 8, constituída de um dátilo. Essas observações se somam àquelas já feitas sobre marcações de acento de intensidade e, do mesmo modo, vão no sentido de que a marcação da intensidade, sozinha, não é suficiente para estar associada a uma batida acentual.

Agora o dado inesperado referente à linha 8. Durante a fragmentação do texto, aparecem como dados autônomos

$\frac{t}{n\bar{o}}$

cujo significado estaria ligado a 'como',

$\frac{t}{n\bar{a} \text{ ?}}$

aparentemente sem significado definido, e

$\frac{t}{n\bar{a}dz\bar{i}?\bar{i}}$

ser

Nesses dados fonologicamente autônomos chama a atenção o grande número de sílabas longas. Essas sílabas não são todas longas no texto inicialmente produzido. Além disso, nesse aparece como longa uma sílaba

┌  
 nã

que, juntamente com outra sílaba

┌  
 kɨ

não tem lugar no texto fragmentado. Ao que tudo indica estamos aqui diante de mais um caso de reestruturação rítmica. Nessa reestruturação, estariam integradas determinadas sílabas e o elemento indicador de que tal coisa acontece está na diferente disposição duracional encontrada no texto inicialmente produzido. Aí, a se levar em conta tal disposição, se poderia ter como todos fonológicos

┌ ┌ ┌ ┌  
 naɲoɲakɨ 'como'

~~~~~  
 693.68 mseg

┌ ┌  
 nadzɨĩ 'é'

~~~~~  
 505.18 mseg

┌ ┌ ┌  
 naɲoɲa

~~~~~  
 550.42 mseg

┌ ┌ ┌  
 kinadzɨĩ

~~~~~  
 648.44 mseg

Na suposição de que os todos fonológicos sejam os dois primeiros apresentados, a diferença entre eles fica em 188.50mseg, diferença que, traduzida em um percentual, se situa em 37% e que, não fosse o alongamento que possui, diante da pausa, a última sílaba do segundo todo postulado, seria certamente um pouco menor. Na suposição de que os todos fonológicos sejam os dois últimos apresentados, estaríamos diante de dois anapestos, durando mais o último deles em virtude do já apontado alongamento da sílaba final diante da pausa. O último anapesto duraria mais que o primeiro 98.02mseg, diferença duracional que, traduzida em percentual, seria de 17% e que, com toda a certeza, seria bem menor não houvesse o já mais de uma vez mencionado alongamento. Numa suposição ou na outra, estaríamos lidando com um idêntico equilíbrio rítmico: de acordo com a primeira suposição, o percentual da diferença entre os dois todos fonológicos está bem próximo daquele que vem sendo encontrado para padrões rítmicos localizados em faixas temporais diferentes; de acordo com a segunda suposição, os dois todos fonológicos não se moveriam em faixas temporais completamente diversas.

Passemos ao restante do texto produzido. Nele foram assinaladas três marcações de acento de intensidade. A primeira delas, que recai em

$\begin{array}{c} \downarrow \\ \text{t} \quad \text{t} \\ \text{ma?ã} \end{array}$ 
'vida'

está relacionada a uma média de intensidade alta (32dB), sendo que a frequência fundamental da vogal envolvida está em 142.85Hz (relacionada a um tom médio) e é mais alta do que a das vogais circunvizinhas. Nessa vogal há um desequilíbrio de intensidade entre os formantes, sendo o segundo formante mais forte do que o primeiro. A segunda das marcações recai em

$\begin{array}{c} \downarrow \\ \text{L} \\ \text{bõ} \end{array}$ 
'nascimento'

portando a vogal em questão uma média de intensidade por volta dos 26dB, uma baixa frequência fundamental e um desequilíbrio de intensidade entre os seus formantes, sendo o primeiro formante bem forte e o segundo, fraco. A terceira marcação, que recai em

$\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \\ \text{eta} \end{array}$ 
'onde'

tem, como correspondente físico, uma média de intensidade de 26dB (idêntica à da vogal anterior); a frequência fundamental da vogal envolvida está em 133.33Hz e é apenas um pouco mais baixa do que a da vogal anterior. As três médias de intensidade focalizadas não parecem decisivas para a percepção da batida acentual: a última delas não se distingue fisicamente daquela que a antecede; as duas primeiras médias de intensidade, embora não estando, ao que parece, diretamente relacionadas à frequência fundamental, parecem ligadas a um jogo de intensidade entre os formantes das vogais, o qual está por merecer uma investigação mais detalhada. O quanto essas médias de intensidade coincidem com a existência de grupos rítmicos será visto agora, ao se confrontar o texto inicialmente produzido com o texto fragmentado.

No texto fragmentado referente às linhas 9 e 10, os itens que dizem respeito a 'vida' e 'meu' possuem autonomia fonológica, o mesmo acontecendo com aquele que se refere a 'nascimento' que, por sinal, também pode formar com o item referente a 'meu' um grupamento fonológico. O conectivo  $\begin{smallmatrix} \downarrow \\ \text{ri} \end{smallmatrix}$ , existente no texto produzido, não aparece no texto fragmentado. Mais adiante, durante a fragmentação referente à linha 10, ocorre um fato tipicamente relacionado à velocidade de fala: ao baixar muito a velocidade de fala, o falante tende a silabar, tendo isso se dado com o item referente a 'onde'. Ainda na fragmentação ligada à linha 10, nota-se a omissão de formas que aparecem no texto produzido —  $\begin{smallmatrix} \downarrow \\ \text{nã} \end{smallmatrix}$  e  $\begin{smallmatrix} \downarrow \\ \text{nã} \end{smallmatrix}$ . As indicações vindas da fragmentação são pouco precisas em alguns pontos, mas se colocadas na perspectiva do que foi realmente produzido podem, ainda assim, ser úteis:

$\begin{smallmatrix} \downarrow \\ \text{ma?} \end{smallmatrix}$   
 $\begin{smallmatrix} \downarrow \\ \text{ri} \end{smallmatrix}$   
 vida e

$\begin{smallmatrix} - & \cup & \cup \\ \hline \end{smallmatrix}$   
 632.96 msec

é certamente um padrão rítmico, do qual faz parte o conectivo  $\begin{smallmatrix} \downarrow \\ \text{ri} \end{smallmatrix}$ , que, precedendo pausa, sofreu um alongamento não percebido auditivamente;

$\begin{smallmatrix} \downarrow \\ \text{ts} \end{smallmatrix}$   
 $\begin{smallmatrix} \downarrow \\ \text{ori} \end{smallmatrix}$   
 minha  
 $\begin{smallmatrix} - & \cup & \cup \\ \hline \end{smallmatrix}$   
 y+211.12 msec

que precede o item referente a 'vida' e que se encontra na linha 8, também constituiria um todo fonológico, em vista não só da sua possível autonomia fonológica, mas também em vista da redução temporal que sofre a última sílaba, redução que, *não* estando ligada a uma mudança de velocidade de fala (por exemplo, da fala andante para a fala rápida), não possuiria outra explicação senão a manutenção de uma medida temporal considerada relevante. Convém também assinalar que, embora não se possa ter obtido a medida exata da consoante que inicia o item em questão, a medida parcial acima referida não se modifica quando da repetição do mesmo item, ao preceder aquele referente a 'nascimento':

$\begin{array}{c} \text{||} \\ \text{tsori} \\ \text{meu} \end{array}$   
 $\underbrace{\quad \quad \quad}_{- \quad \quad}$   
 $y+211.12 \text{ msec}$

**Quanto a**

bo  
'nascimento'

se integrado a

$y + 211.12 \text{ mseg}$

o resultado, em termos de composição rítmica, será

t t L  
tçri bo

- - -  
y+474.92 msec



Esse agrupamento, junto com a sua medida objetiva, não nos diz coisa alguma. Uma maneira de alcançar um resultado significativo, respeitando-se o que nos diz o processo de fragmentação, seria considerar a autonomia de

$\begin{array}{c} L \\ \text{bo} \end{array}$ 
                     'nascimento'

e levar em consideração o papel da pausa que se interpõe entre esse item e a forma ná. Considerados esses três elementos, o resultado seria

$\begin{array}{c} L \\ \text{bo} \end{array}$                        $\begin{array}{c} L \\ \text{na} \end{array}$   
 └──────────┘                      └──────────┘  
 263.80 mseg    301.60 mseg    165.88 mseg

Se o valor da pausa for igualmente distribuído entre as duas formas, o resultado expresso acima seria modificado para

$\begin{array}{c} L \\ \text{bo} \end{array}$                        $\begin{array}{c} L \\ \text{na} \end{array}$   
 └──────────┘                      └──────────┘  
 414.60 mseg    316.68 mseg

surgindo como diferença entre essas medidas 97.92mseg, isto é, um percentual de diferença temporal de 30% – percentual que não é estranho àqueles já identificados para outras faixas temporais.

Se o jogo temporal existente entre a pausa e as duas formas acima for realmente relevante, resta-nos lidar com o restante da linha 10, localizado a partir da última marcação de acento:

˘  
 ˘ ˘ ˘ ˘ ˘  
 ɲeta na tʃaboŋ ˘  
 - ˘ ˘ ˘ - ˘

No texto fragmentado, com relação ao trecho referente à parte acima,  
 o único agrupamento existente foi, na realidade,

$\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \\ \text{bo?} \end{array}$ 
'criança'

No texto inicialmente produzido, reconhece-se na raiz de 'criar'

$\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \\ \text{tsabo} \end{array}$ 
'criar'

a forma referente a 'criança', sem a consoante oclusiva glotal<sup>46</sup> e com a vogal central alta correspondendo a uma nasal velar silábica.<sup>47</sup>

Consideramos em outra oportunidade a queda da consoante glotal como um caso de mudança em curso.<sup>48</sup> Dela não sabemos ainda se se trata de uma mudança favorecida em certos processos de formação de palavra. Mas dela já sabemos que tem como efeito possível uma reestruturação silábica. Como uma reestruturação silábica tem, por sua vez, efeitos sobre o ritmo, haveria duas possibilidades: ou a nasal velar seria ressilabificada em função da queda da consoante glotal ou ela seria temporalmente expandida com o fim de se preservar uma determinada constituição rítmica. Como a nasal em questão se mantém como silábica, ficamos com a segunda possibilidade. No texto inicialmente produzido, a constituição temporal abaixo, objetivamente incompleta,<sup>49</sup>

$\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \\ \text{tsabo} \end{array}$

$\begin{array}{c} \text{v} \quad \text{v} \\ \text{y+407.16 mseg} \end{array}$

se aproxima da estrutura temporal encontrada para troqueus, muito embora se passe a estar diante de um outro padrão ( v - v ). Esse não é um dátilo ou um anapesto, mas conta, embora com outra disposição, com quantidades semelhantes às desses dois. Se favorecida a sua existência, por extensão estaremos tendo também como todo fonológico precedente

$\begin{array}{c} \text{┆ ┆ ┆} \\ \text{ɲetana} \\ \text{onde} \end{array}$   
 $\begin{array}{c} \text{— } \text{v} \text{ v} \\ \text{505.18 msec} \end{array}$

A diferença temporal entre esse todo e o que a ele se segue ficaria em 98.02mseg, ou seja, a diferença temporal entre os dois seria da ordem de 24% – uma diferença que prevemos como bem menor, visto estarmos trabalhando com medidas das quais uma é objetivamente incompleta.

Reescrevendo, então, as linhas 9 e 10 em termos dos padrões rítmicos delineados teríamos

$\begin{array}{c} \text{v} \\ \text{┆ ┆ ┆} \end{array}$   
 9. maʔɛɾi . tɕɔɾi  
 vida e meu  
 $\begin{array}{c} \text{— } \text{v} \text{ v} \end{array}$

$\begin{array}{c} \text{v} \\ \text{┆} \end{array}$   
 10. bo . na ɲeta na tɕaboŋ  
 nascimento onde criar  
 $\begin{array}{c} \text{v} \text{ — } \text{v} \text{ v} \end{array}$

com as marcações de acento, nesse caso, coincidindo com grupos de padrões rítmicos, o que poderia ser indicado através de uma barra.

Até esse ponto foram delineados os padrões rítmicos e mesmo grupos rítmicos dentro do trecho do texto que observamos. Foi também alcançada uma medida temporal que, sintagmaticamente, situou a diferença entre padrões rítmicos de faixas temporais diferentes em torno de um percentual que foi de 29% ou 37%. Resta-nos verificar se esse percentual, alcançado sintagmaticamente, também se revela ao nível paradigmático. Nessa verificação, vamos recorrer somente aos padrões rítmicos que não foram afetados por alongamentos e que não deixam dúvidas quanto à sua constituição. Os

padrões serão listados abaixo, sendo feita referência às linhas em que foram encontrados.

A - Troqueus ( - v )

- |            |       |             |
|------------|-------|-------------|
| ● linha 1: | noʔi  | 407.16mseg. |
| ● linha 2: | tʃama | 429.78mseg. |
| ● linha 5: | tʃama | 399.62mseg. |

**Média aritmética: 412.19 mseg.**

B – *Anapestos* ( ∪ ∪ – )

- |            |                      |             |
|------------|----------------------|-------------|
| ● linha 2: | ᑦᑦ ᑦᑦ ᑦᑦ<br>kantsona | 557.96mseg  |
| ● linha 4: | ᑦ ᑦ ᑦ<br>waᑭsadza    | 628.02mseg. |
| ● linha 8: | ᑦ ᑦ ᑦ<br>tamana      | 550.42mseg. |

**Média aritmética: 578.80mseg.**

C - *Dátiles* ( - u u )

- |            |   |             |
|------------|---|-------------|
| ● linha 2: | $\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \text{t} \\ \text{t} \text{sa} \text{w} \text{na} \text{t} \end{array}$                 | 671.06mseg. |
| ● linha 3: | $\begin{array}{c} \text{t} \text{t} \text{t} \\ \text{na} \text{t} \text{i} \text{r} \end{array}$                                 |             |
|            | $\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \text{t} \\ \text{t} \text{sa} \text{ma} \text{r} \end{array}$                          | 482.56mseg. |
|            | $\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \text{t} \\ \text{t} \text{sa} \text{ma} \text{r} \end{array}$                          | 512.72mseg. |
| ● linha 5: | $\begin{array}{c} \text{t} \quad \text{t} \text{t} \\ \text{k} \text{e} \text{a} \text{?} \text{d} \text{z} \text{i} \end{array}$ | 520.26mseg. |

**Média aritmética: 546.65mseg.**

Média entre dátilo e anapesto: 562.73mseg

Percentual de diferença entre os dois tipos básicos de padrão (troqueu e dátilo/anapesto): 37%.

Proporção existente entre eles: 1.37

## 6.2 O texto mítico

1    ʔ    ɲ    ˌ    t i m a    n ɛ t i m a    ʔ    ɣ    g a    ˌ

3ª pessoa    3ª pes-surrar

íntima

158.34 mseg

2    t i m a    g a    ɲ o t a p a

3ª pessoa    x    Ngutapa

íntima

3    ˌ    ɲ ɛ t a m e m a

onde    incerteza

324.22 mseg

4    kʷ ɛ    n ɛ    a ɣ i

caçar    de

5    kʷ ɛ    n ɛ    m a ɣ i    i    kʷ a ɣ g ɔ    ʔ a ɲ i    t i    n a ɣ

caçar    caminho    x    fim    3ª pes.    ele    amarrar

feminino    objeto

6    ? <sup>l</sup>η    .    n <sup>l</sup>a <sup>l</sup>    ? <sup>l</sup>a <sup>l</sup>k <sup>l</sup>i    g <sup>l</sup>a    d <sup>l</sup>z <sup>l</sup>a  
 interjei-    3ª pes    'filho, pé'    x  
 ção  
 829.4 msec

7    k <sup>l</sup>o <sup>l</sup>n <sup>l</sup>i <sup>l</sup>w <sup>l</sup>a    t <sup>l</sup>a    t <sup>l</sup>a <sup>l</sup>η <sup>l</sup>ã  
 taxizeiro

8    .    t <sup>l</sup>a    t <sup>l</sup>a    t <sup>l</sup>a    t <sup>l</sup>a    t <sup>l</sup>a  
 'que tem formiga' x  
 75.40 msec

9    k <sup>l</sup>o <sup>l</sup>n <sup>l</sup>i <sup>l</sup>w <sup>l</sup>a .  
 475.02 msec

'[...] Surrou-a a ela Ngutapa onde talvez é o caçar, no fim do caminho de caçar ele a amarrou [...] Num pé de taxi [...] um taxizeiro enfornigado'

O trecho aqui exposto pertence a um texto coletado em agosto de 1985, na aldeia Belém do Solimões. No texto total narrado por Dalvina estão os acontecimentos que se deram desde o início dos tempos até o momento em que a onça come Ngutapa. Ngutapa é o gerador dos heróis culturais Yoi e Ipi e das irmãs de ambos, Aicüna e Mowatcha. Os quatro nasceram dos joelhos inchados de Ngutapa, atingidos por uma casa de cabas, atirada por Mapana,<sup>50</sup> que assim se vingou de Ngutapa por esse tê-la surrado e amar-

rado em um pé de taxi cheio de formigas, quando um dia foram caçar. O trecho exposto é aquele em que Ngutapa surra e amarra Mapana.

As aproximações que vamos fazer para tentar tratar de aspectos suprasegmentais em parte do texto narrado por Dalvina não serão diferentes daquelas feitas quando focalizamos (em 6.1) o texto de Pedro Inácio. Reaparecerão aqui a noção de agrupamento fonológico, a fragmentação do texto, os padrões rítmicos... De diferente há apenas o fato de que o trecho estudado foi fragmentado por um outro falante,<sup>51</sup> e não por Dalvina, que, por ser vista como uma contadora de histórias por excelência, dificilmente assumiria (mesmo que momentaneamente) o papel de professora, de explicadora de coisas da língua Tikuna.

Começemos pelo texto fragmentado. As seqüências desse serão referidas em função das linhas em que foi distribuído o texto produzido.

. [linha 1]

- a)  $\begin{array}{cc} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{array}$       $\begin{array}{cc} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{array}$   
 tima     ... itima  
 3ª pes-     surrar  
 soa ín-  
 tima

. [linha 2]

- b)  $\begin{array}{cc} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{array}$       $\begin{array}{ccc} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{array}$   
 tima     ... notapa  
 3ª pes-     Ngutapa  
 soa ín-  
 tima

. [linha 3]

- c)  $\begin{array}{cc} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{array}$       $\begin{array}{cc} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{array}$       $\begin{array}{cc} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{array}$       $\begin{array}{cc} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{array}$   
 neta     mema     ... neta     mema  
 onde incerte-  
 za

. [linha 5]

d)  $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   
 namaɿgoa k<sup>w</sup>ɛnɛmāɿgoa ...  
 'fim do cami- 'fim do caminho  
 nho' de caçar'

$\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   
 k<sup>w</sup>ɛnɛmaɿ ik<sup>w</sup>aəwa ... māʔɿ ...  
 caminho 'no fim' caminho

$\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   
 tʂoɿ nina? tʂoɿninaɿ  
 'ele me a-  
 marrou'

. [linha 6]

e)  $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   
 naɿak<sup>h</sup>ɿ  
 'filho, pé de árvore'

. [linha 7]

f)  $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   
 konɿwa konɿwa nɛwa  
 taxizei- 'na árvore do taxi'  
 ro

. [linha 8 e 9]

g)  $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   $\begin{matrix} \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \\ \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} \end{matrix}$   
 konɿwa a dzɿma ? ātanɛni  
 taxizei- x aquele 'que tem formiga'  
 ro



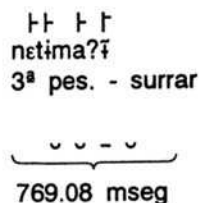
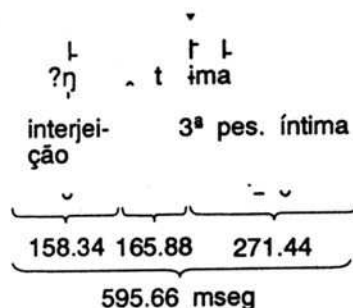
$\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \text{ t} \text{ t} \text{ t} \\ \text{koniwa tanə} \\ \text{'taxizeiro que tem formiga'} \end{array}$

Algumas coisas é possível notar de imediato. Formas que se encontram no texto produzido não fazem parte do texto fragmentado. Agrupamentos que estão no texto fragmentado não são, embora mantenham uma ligação com o que se vê no texto produzido, exatamente uma rearrumação rítmica de coisas que estão nesse último. De um modo ou de outro, ambas as maneiras de fragmentar reveladas são úteis na tentativa de esboçar padrões e grupos rítmicos no texto produzido. Vejamos como isso se dá, confrontando os dois tipos de texto.

De acordo com o que está em a), duas seriam as possibilidades de agrupamento: de um lado se teria a autonomia fonológica do item referente a '3ª pessoa íntima' e, de outro lado, aquela ligada ao que em Tikuna é 'surrar'. Levadas essas possibilidades para a linha 1, teríamos como padrões rítmicos traduzidos em milissegundos:

$\begin{array}{ccccccc} & & \text{t} & \text{t} & & \text{t} & \text{t} & \text{t} & \text{t} & & \text{t} \\ & & \text{?}\eta & \text{tima} & \text{netima?}\text{f} & & \text{ga} & & & & \\ \text{inter-} & & \text{3ª pes.} & \text{3ª pes.} & \text{surrar} & & \text{x} & & & & \\ \text{jeição} & & \text{íntima} & & & & & & & & \\ & & \text{v} & \text{— v} & \text{v — v v} & & \text{—} & & & & \\ & & 158.34 & \text{y+271.44} & 769.08 & & & & & & \end{array}$

Um troqueu e um padrão que jogariam com as mesmas quantidades, de um peão (— v v v v), muito embora a disposição de suas quantidades não seja igual àquela encontrada em um peão. Aparentemente esses padrões não nos dizem muita coisa em termos de medida temporal que pudesse ser considerada relevante. O troqueu, com sua medida objetivamente incompleta, está muito distanciado temporalmente do padrão que o segue. No entanto, se forem considerados o tempo da interjeição e da pausa vista conjuntamente com o [t] que a segue (já que visualmente é impossível distinguir entre ambos em um espectrograma), surge um novo quadro de medidas temporais:



Entre os dois conjuntos de medidas acima há uma diferença temporal, em termos percentuais, de 29%, isto é, uma proporção de 1.29. Supor um jogo da pausa com as demais sílabas no primeiro conjunto delineado é algo viável: a pausa é relativamente breve e é de se esperar que ela funcione como uma sílaba entre sílabas. A questão que, a meu ver, surge aqui porque o primeiro conjunto, que ritmicamente seria

~ - ~  
 595.66 mseg

dura 29% (proporção de 1.29) menos do que o segundo conjunto, que ritmicamente também seria

~ - ~  
 769.08 mseg

A resposta parece estar no alongamento enfático que sofre a já longa sílaba de 'surrar'. Essa sílaba possui, objetivamente, a duração de 271.44mseg – a mesma duração reservada à parte mensurável do troqueu que existe no item referente a '3ª pessoa íntima'.

Na linha 1 ainda há uma sílaba por tratar, aquela que engloba


$\text{ga}$  x

mas, antes que nos ocupemos dela, vamos ver como se articula a situação rítmica mencionada com a marcação de intensidade que registramos auditivamente na linha 1 em

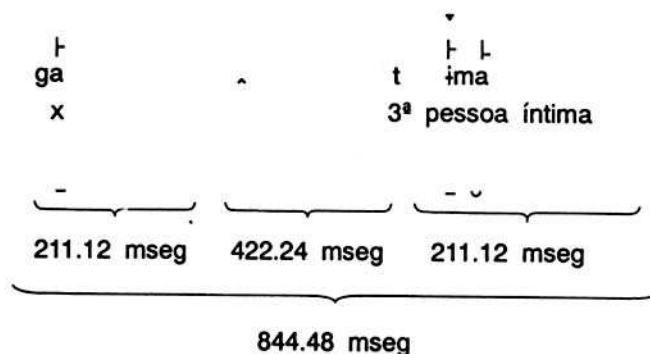

'3ª pessoa íntima'

A marcação feita corresponde a uma média de intensidade alta (28dB) e a uma frequência fundamental das mais altas no trecho focalizado (222.22Hz). O resultado final da energia gasta está, portanto, vinculado à frequência fundamental, e a marcação que fizemos está, certamente, ligada a essa estreita relação intensidade/frequência fundamental. Considerar que há uma batida acentual coincidindo com a marcação que fizemos seria perder a visualização da estrutura dos dois conjuntos rítmicos que vimos ser possível existir na linha 1. Considerar que há uma batida acentual que não está onde realizamos a marcação e sim em outro lugar (ela poderia estar, por exemplo, na interjeição) seria sincronizar tal batida com a estrutura dos dois conjuntos rítmicos delineados e, ao mesmo tempo, reconhecer que tonicidade não é garantia de delimitação de grupos rítmicos – algo que acreditamos ter deixado claro em 6.1.

Com respeito à partícula


'x'

ausente do texto fragmentado, ela é na linha 1 uma sílaba longa. Achamos difícil que ela esteja, em virtude de sua longa duração, agregada ao todo fonológico anterior. Em face disso, resta-nos verificar as consequências da suposição de que tal partícula esteja em um jogo com a pausa que a segue. Como a essa pausa sobrevém o item referente a '3ª pessoa íntima', iniciado por consoante oclusiva surda, a verificação do possível jogo entre a partícula em questão e a pausa terá que levar em conta, necessariamente, o tempo existente na passagem daquilo que arbitrariamente (devido a certas preocupações já mencionadas) chamamos linha 1 para aquilo que, também arbitrariamente, chamamos linha 2. Vejamos:



As medidas acima são reveladoras: a pausa mais o [t] que a segue possuem o dobro do valor temporal da partícula focalizada. Por sua vez, o restante do item referente a '3ª pessoa íntima' possui exatamente o valor temporal da partícula

$\begin{array}{c} \text{┌} \\ \text{ga} \\ \text{'x' } \end{array}$

O que essas medidas revelam é que, mais uma vez, a pausa pode funcionar como uma sílaba entre sílabas e que, no caso em questão, ela tem condições de constituir, juntamente com a partícula acima, um padrão rítmico e, assim sendo, a esse padrão se seguiria um outro, de valor temporal semelhante e com características análogas – ao que parece um troqueu (· - ∪ l).

Como consequência de se encarar

|   |  |   |
|---|--|---|
| $\begin{array}{c} \text{┌} \quad \text{┌} \\ \text{t} \quad \text{ima} \end{array}$ |  | $\begin{array}{c} \text{┌} \quad \text{┌} \\ \text{t} \quad \text{ima} \end{array}$ |
| '3ª pessoa íntima'  |  |   |

na linha 2, como troqueu antecedido por um outro troqueu constituído por

|  |  |  |
|--|--|--|
| $\begin{array}{c} \text{┌} \\ \text{ga} \end{array}$ |  | $\begin{array}{c} \text{┌} \\ \text{'x' } \end{array}$ |
|--|--|--|

acompanhado de uma sílaba materializada pela pausa, vem a suposição de que a mesma partícula, que se repete, aparecendo na linha 2 como uma sílaba breve,

ga 'x'

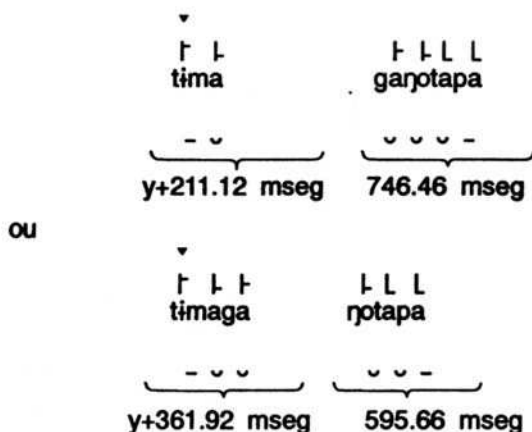
e igualmente omitida no texto fragmentado, estaria, no restante da linha 2, constituindo um todo fonológico com o item, referente a Ngutapa. Assim:

ga ngutapa  
 x Ngutapa  
 746.46

Entre esse grupo rítmico, no qual estaria contido um único padrão rítmico (um peão invertido) e o grupo rítmico que o precede, no qual estariam contidos dois padrões rítmicos (os dois troqueus há pouco postulados), há uma diferença, em milissegundos, de 98.02, traduzíveis em um percentual de 13%, ou seja, uma proporção de 1.13 – o que, por tudo o que se viu, não colocaria os dois grupos rítmicos como se movendo em faixas temporais totalmente diferentes.

Com relação à marcação do acento de intensidade registrada na linha 2, ela está ligada a uma média de intensidade de 18dB e a uma frequência fundamental de cerca de 200Hz. No trecho que essa marcação aparentemente delimita, houve uma mudança de tessitura, com queda da frequência fundamental tanto na sílaba percebida como acentuada quanto na que a segue. A média de intensidade sofre igualmente uma queda em ambas as sílabas, comparativamente ao que acontece com as sílabas do mesmo item em sua ocorrência anterior. Aqui, como antes, não há como se dizer que a intensidade não esteja estreitamente vinculada à frequência fundamental. Aqui, caso sustentemos a existência de uma batida acentual onde auditivamente a registramos, estaremos encobrindo a relação temporal que acabamos de constatar na passagem da linha 1 para a linha 2. Além disso, também estaremos encobrindo a relação temporal entre os dois grupos rítmicos delineados. Por outro lado, por causa de uma marcação de acento percebida muito provavelmente em função da altura, estaremos igualmente, caso a susten-

temos como tendo uma função rítmica, criando para a linha 2 duas possibilidades de existência de padrões rítmicos, ou

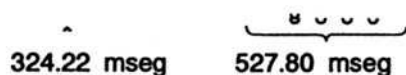


ambas possíveis, mas sem que tenhamos, no momento, evidências a favor de uma ou de outra. Fica, no entanto, anotado como fato interessante que, na última dessas duas possibilidades, surge um anapesto ( — — — ) com uma medida temporal idêntica a de um anapesto que ocorrerá em outro ponto do texto.

Na linha 3 do texto produzido temos uma sílaba ultrabreve, à qual corresponde, no texto fragmentado, uma sílaba longa. A redução temporal da primeira sílaba de

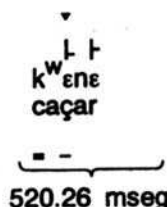


evidencia a ligação entre a necessidade de preenchimento de uma medida temporal relevante e o número de sílabas produzidas naquilo que chamamos de linha 3:



No que temos aí, certamente a batida acentual recai sobre a pausa. Curiosamente, a medida da pausa somada ao do todo fonológico que a segue dá 852.02mseg, medida extremamente próxima àquela constatada na passagem da linha 1 para a linha 2 (ver pp. 115-116).

Na linha 4 estamos diante de casos de alongamentos realizados com fins de expressividade. Não houve fragmentação no trecho correspondente a essa linha. No texto produzido, tem-se


  
 kwεne
   
 caçar
   
 520.26 msec

isto é, um provável padrão rítmico que estaria fora da faixa temporal encontrada, em outras oportunidades, para um troqueu ( - ~ ) ou mesmo para um iambo ( ~ - ), justamente por causa do alongamento expressivo existente. A partícula referente a 'de' constituiria no texto produzido um outro provável padrão rítmico, um iambo.


  
 ari
   
 de
   
 354.38

Houve um alongamento da última sílaba da partícula em questão, em termos do que já conhecemos do tratamento temporal dado a ela em outros textos. Em termos unicamente do texto produzido, esse alongamento, tanto quanto o interior, tem funções expressivas. Do ponto de vista da relação temporal objetiva entre os dois prováveis padrões rítmicos apontados, pela primeira vez observamos uma relação próxima da metade (percentual da diferença temporal de 46%) e, de maneira curiosa, a soma dos dois padrões é 874.64mseg, medida próxima a de outros grupos rítmicos há pouco esboçados. Não vamos neste trabalho explorar a possibilidade de existência de uma medida temporal relevante para grupos rítmicos, mas acreditamos que, pelo já visto, há explorações a fazer nesse sentido.

A linha 5 do texto produzido coloca questões interessantes para a análise que estamos fazendo. Como lidar com os agrupamentos que estão no texto fragmentado e, por que eles, embora correspondam à linha localizada, não são exatamente uma reorganização do que se encontra no texto produzido? Como, nesse caso, projetar e confrontar o que se obteve na fragmentação com o que foi realmente produzido?

Agora as vantagens das conhecidas técnicas que envolvem porções recorrentes e porções adjacentes em um certo tipo de análise morfológica, talvez não houvesse muito o que aproveitar no que aparece em d). Coloquemos, porém, a questão de um outro ângulo. Vejamos o que se passa com as quantidades, quando olhamos d) e a linha 5.

Em d), no primeiro agrupamento fonológico, há duas sílabas longas em meio a sílabas breves, estando entre essas últimas aquela referente a 'caminho', a raiz

$\begin{array}{c} \text{t} \\ \text{ma} \end{array}$

Essa mesma raiz, no texto produzido, é uma sílaba longa.

Em d), o segundo agrupamento fonológico também possui duas sílabas longas em meio a sílabas breves. Uma das sílabas longas pertence à raiz de 'caçar'

$\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \text{k}^w \text{ ene} \end{array}$

Essa sílaba se mantém como longa no texto produzido.

Em d), temos

$\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \text{ t} \text{ t} \\ \text{ik}^w \text{ aewa} \end{array}$

'x'fim em

com o que estamos chamando de 'x' sendo uma sílaba longa. No texto produzido a partícula indicada como 'x' é breve.

Ainda em d), há uma sílaba longa no pronome objeto que é

$\begin{array}{c} \text{t} \text{ t} \\ \text{tso}^? \text{ t} \end{array}$

'1ª pessoa'



ao invés de ser o esperado

ᵀ ᵀ  
 njʔʔ

'3ª pessoa feminina'

Seja como for, no texto produzido; o que aparece do pronome objeto é apenas uma sílaba breve.

Em d), no mesmo agrupamento fonológico em que está inserido o pronome objeto, o marcador de 3ª pessoa, prefixado à raiz de 'amarrar', é breve. No texto produzido, o marcador de 3ª pessoa, correspondente ao que está em d), é longo.

Há sílabas que podem ser breves sendo tratadas como longas e há sílabas que podem ser longas sendo tratadas como breves. Tal fato indica que, no texto produzido, houve um jogo de outras quantidades – que não propriamente aquelas que se apresentaram durante a fragmentação – e isso se deu em função da constituição de determinados padrões rítmicos. Quais seriam esses padrões é de uma certa forma revelado pela própria comparação do jogo de quantidades havido nos dois tipos de texto. No texto produzido, as sílabas que foram tratadas como longas não o foram por acaso, o mesmo tendo acontecido com as sílabas tratadas como breves. O tratamento não-casual da quantidade de determinadas sílabas nos faz supor que, a uma sílaba que, podendo ser breve, foi tratada como longa, estão ligadas outras sílabas que, juntamente com essa sílaba longa, constituiriam um determinado padrão rítmico. Entre as sílabas que se agregam a uma longa estariam aquelas sílabas que poderiam ser longas, mas que não foram tratadas como tal. Vejamos, na linha 5, haveria:

ᵀ ᵀ                      ᵀ  
 maʔ                      i  
 caminho 'x'  
 - -  
 ┌──────────┐  
 444.86 mseg  
 ᵀ ᵀ                      ᵀ  
 ʔanj                      ti  
 3ª pessoa 3ª pessoa  
 feminino  
 objeto  
 - -  
 ┌──────────┐  
 625.82 mseg

Dos dois padrões rítmicos acima, o primeiro comporta a já mencionada raiz referente a 'caminho', constituída por uma sílaba tratada como longa. Essa sílaba não estaria, de acordo com nossa suposição, agregada a um outro todo fonológico, mas seria, ela própria, um elemento ao qual se ligariam outras sílabas. Considerando-se que a forma plena de 'caminho'

ṭ ṭ  
 māʔṭ

também surgiu durante a fragmentação, diremos que do primeiro padrão rítmico acima faz parte a sílaba breve que se segue à raiz de 'caminho', sendo que nessa sílaba breve está contido um ditongo. O primeiro padrão rítmico acima é, então, um troqueu, que tem como valor temporal objetivo aquele que acima também está assinalado. O segundo padrão rítmico tem uma sílaba longa, o prefixo de 3ª pessoa; a ela estaria agregada uma sílaba precedente, tratada como breve e referente ao pronome objeto de '3ª pessoa feminino'.

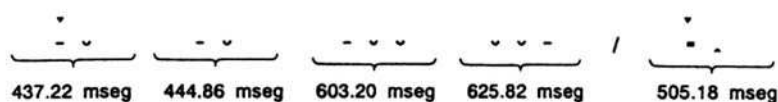
Do segundo padrão poderia fazer parte ainda a sílaba breve que antecede o pronome-objeto e, nesse caso, estaríamos diante de um anapesto, que teria como seu valor temporal objetivo aquele fixado acima. O pertencimento dessa última sílaba ao segundo padrão rítmico é, porém, nesse instante, uma mera probabilidade.

Como decorrência da postulação da existência dos dois padrões rítmicos anteriores, surgem como padrões rítmicos, na mesma linha 5,

|  |  |  |
|--|--|--|
| <p>ṭ ṭ<br/> kʷṭṭ<br/> - -<br/> 437.22 mseg</p> <p>ṭ ṭ ṭ<br/> kʷaəgṭ<br/> fim<br/> - - -<br/> 603.20 mseg</p> |  | <p>ṭ<br/> naṭ<br/> amarrar<br/> - -<br/> 505.18 mseg</p> |
|--|--|--|

O último desses padrões seria constituído por uma sílaba ultralonga em jogo com a pausa que é curta. O alongamento possui finalidades expressivas. E o valor temporal objetivo do padrão é aproximado, uma vez que, incluída na medida da pausa está a consoante glotal que faz parte da interjeição.<sup>52</sup>

A linha 5 terá, de acordo com os padrões esboçados, a seguinte configuração:

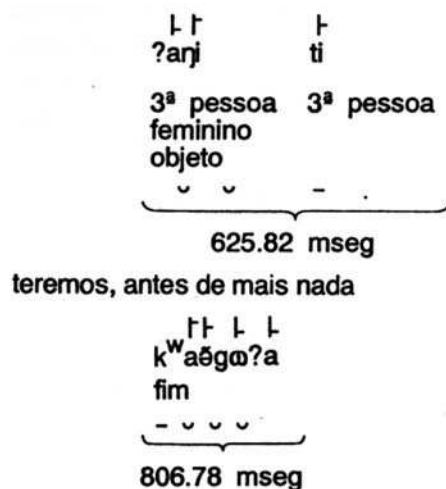


Desconsiderando-se apenas o que existe em termos de alongamento final antes da pausa, haveria dois troqueus, um dátilo e um anapesto. Do primeiro troqueu para o dátilo haveria, como diferença temporal objetiva, um percentual de 37% (proporção de 1.37) e, do segundo troqueu para o dátilo, um percentual de diferença temporal de 35% (proporção de 1.35). Já o anapesto manteria em relação ao dátilo uma diferença percentual de 3%, o que não os colocaria em faixas temporais inteiramente diversas.

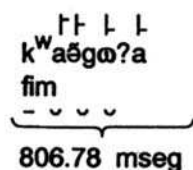
As marcações de acento registradas na linha 5 refletem, respectivamente: uma alta intensidade não inteiramente vinculada à frequência fundamental; uma alta intensidade vinculada a uma altíssima frequência fundamental. A serem mantidos os padrões rítmicos há pouco esboçados, as referidas marcações estariam apenas coincidindo com a constituição de grupos rítmicos. No caso de ser assim, deve ser dito que o segundo grupo rítmico, existente a partir da sílaba ultralonga, referente a 'amarrar', contaria ainda com a interjeição que segue à pausa e com parte da longa pausa que se dá após a interjeição – ambas arbitrariamente transcritas na linha 6.

Ainda na linha 5, se a sílaba que precede o pronome-objeto não integrar o mesmo padrão rítmico que esse, ao invés de

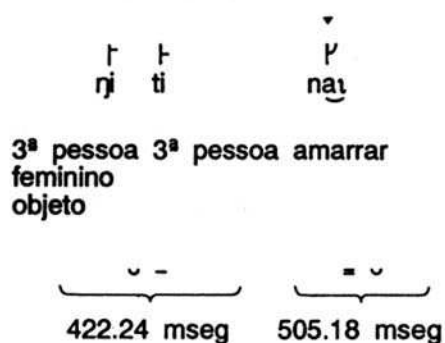
$\begin{array}{c} \text{r} \text{r} \text{r} \\ \text{k}^{\text{w}} \text{a} \text{g} \text{g} \end{array}$   
 fim  
 $\overline{\text{---}} \text{---}$   
 603.20 mseg



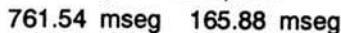
Essa última possibilidade de constituição de um dos padrões rítmicos não representa uma quebra em termos dos padrões que precedem o possível peão



Sobre o padrão ou padrões que se seguiriam a esse possível peão há algumas observações a fazer. A primeira é a de que a ele poderiam se seguir dois padrões

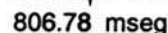


um iambo e um troqueu alongado. Se assim for, a marcação de acento registrada sobre a raiz de 'amarrar' continuaria a coincidir com um grupo rítmico com as características já anteriormente entrevistadas. A segunda é, caso se queira ver no que se segue ao possível peão, um único padrão



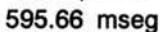
esse seria, certamente, um anapesto ( ∪ ∪ - ) bastante alongado, com a última sílaba ultra-alongada, a penúltima alongada, sendo breve apenas a antepenúltima. Se for assim, a marcação de acento registrada sobre a raiz referente a 'amarrar' não estará coincidindo com a existência de nenhum grupo rítmico, o que, dadas as características objetivas da marcação registrada e dado tudo o que já se viu até aqui sobre marcação de acento, não é de se estranhar.

Como última observação aqui feita sobre a linha 5, diremos que, nela havendo um peão



esse manterá, com relação ao troqueu que o antecede imediatamente, uma diferença temporal de 81% e, com relação ao primeiro troqueu da linha, uma diferença temporal de 84%. Em outros termos, haverá entre o peão e cada um dos troqueus uma relação temporal próxima do dobro, isto é, haverá um equilíbrio temporal. Não havendo na linha um peão, e sim o que apresentamos como primeiro esboço de padrões rítmicos nessa linha, ainda assim haverá equilíbrio temporal, embora ligado a um outro tipo de percentual (37%, 35%).

Em e), correspondente à linha 6, tudo o que temos é o agrupamento relativo a 'pé dele'. Projetado sobre a linha 6, esse agrupamento coincide com um anapesto:



Completando o grupo rítmico de que faria parte esse anapesto, estariam duas sílabas breves cujo valor temporal, somado ao do anapesto, dá 852.02 mseg – medida interessante, em termos da constituição de grupos rítmicos (ver p. 119). Vale ressaltar que a pausa, que precede todo o grupo, não tem um valor temporal objetivo muito longe daquele obtido para esse mesmo grupo.

Na linha 7, projetando-se o que se encontra em f), obtém-se, como padrões rítmicos, um dátil ( - ∪ ∪ ) e um outro padrão ( ∪ - ∪ ) para o qual ainda não temos um nome; ambos exibem a mesma medida temporal objetiva.

$\uparrow$   $\uparrow$   $\uparrow$   $\uparrow$   $\uparrow$   $\uparrow$   
 koniwa ia taná  
 taxi  
 { } { }  
 535.34 msec 535.34 msec

A marcação de acento registrada na linha 7 coincide, objetivamente, com uma alta intensidade vinculada a uma alta frequência fundamental (222.22 Hz/200 Hz).

A linha 8, em termos do que foi obtido durante a fragmentação, não coloca maiores problemas. Nela está um único padrão rítmico

75.40 msec      746.46 msec  
 âtanêni    a  
 que tem x  
 formiga

Esse padrão rítmico possui, como medida objetiva, a que foi mencionada. Com relação à pausa (auditivamente duvidosa para nós, pois não sabemos se se trata de uma pausa ou de uma consoante glotal), ela pode estar temporalmente associada ao padrão rítmico. Nesse caso, o valor temporal objetivo desse último, agora possivelmente um peão reescrito, será de 821.86mseg – medida talvez relevante para um dado rítmico (ver p. 1).

A linha 9 também não coloca problemas. Nela está um dátilo

$\begin{array}{c} \cdot \\ \uparrow \uparrow \uparrow \\ \text{koniwa} \\ \text{taxizeiro} \\ \underbrace{\quad \quad \quad} \end{array}$

603.20 msec      475.02 msec

e, com ele, coincide uma marcação de acento correspondente a uma alta intensidade vinculada a uma alta frequência fundamental.

Chegamos aqui ao ponto em que, delineados os padrões rítmicos e ainda certos grupos rítmicos no trecho que nos propusemos analisar no texto mítico, cabe verificar se existe, no que diz respeito ao ritmo, uma medi-

da temporal que possa ser considerada relevante. Nessa verificação, vamos lidar apenas com os padrões rítmicos e, entre esses, vamos nos valer apenas daqueles que não foram afetados por alongamentos. Com relação ao fato de ter havido mais de uma possibilidade de interpretação – o que se deu claramente na linha 5 –, ele será levado em conta no cálculo que faremos.

Sintagmaticamente, as diferenças temporais entre padrões rítmicos ficaram situadas no seguinte modo: há uma diferença temporal, situada na faixa de 35% a 37%, entre dátilo e troqueu (linha 5 em seu primeiro esboço rítmico); há uma diferença temporal, situada na faixa de 81% a 84%, entre peão e troqueu (linha 5 em seu segundo esboço rítmico); há uma diferença temporal, por volta de 36%, entre um peão e um dátilo (passagem da linha 8 para a 9).

Como no trecho do texto analisado houve junção de pausa com consoante oclusiva – o que torna as medidas objetivas incompletas – (ver linhas 1 e 2), alongamentos (linha 4, final da linha 5), padrões contíguos com idêntica medida temporal (linha 7), o percentual da diferença entre as faixas temporais em que se movem determinados padrões rítmicos pôde ser alcançado, a nível sintagmático, em poucos casos. Foi mais fácil detectar, sintagmaticamente, medidas relativas à constituição de grupos rítmicos, algo que, como já dissemos, não é aqui matéria de exploração. Entretanto, podemos verificar se os percentuais alcançados a nível sintagmático se revelam também a nível paradigmático.

Para a verificação proposta em termos paradigmáticos, os padrões serão listados em seguida, sendo feita referência às linhas em que foram delineados.

A – *Troqueus* ( - ∨ )

|                   |                             |            |
|-------------------|-----------------------------|------------|
| • linha 5:        | $k^w_{\epsilon n \epsilon}$ | 437.22mseg |
| • linha 5:        | $ma\tilde{i}$               | 444.86mseg |
| Média aritmética: | 441.04mseg                  |            |

B – *Anapestos* ( ∨ ∨ - )

|  |                          |            |
|--|--------------------------|------------|
| • linha 5 (em seu primeiro esboço rítmico) | $?a\tilde{n}i$           | 625.82mseg |
| • linha 6:                                 | $na\tilde{i}ak\tilde{i}$ | 595.66mseg |
| Média aritmética:                          | 610.74mseg               |            |

**Observação:** Desconsiderado o primeiro esboço rítmico feito para a linha 5, a medida tomada como referência básica para o anapesto no texto não será mais a da média obtida, mas a da linha 6 – 595.66 msec.

**C – Dátilos ( - ∪ ∪ )**

- linha 5 (em seu primeiro esboço rítmico):

|  |            |
|--|------------|
| $\begin{matrix} \uparrow \uparrow \uparrow \\ k^w a \acute{e} g \omega \end{matrix}$ | 603.20mseg |
|--|------------|

|            |   |            |
|------------|---|------------|
| • linha 7: | $\begin{matrix} \uparrow \uparrow \uparrow \\ k \acute{o} n i w a \end{matrix}$ | 535.34mseg |
|------------|---|------------|

|            |   |            |
|------------|---|------------|
| • linha 9: | $\begin{matrix} \uparrow \uparrow \uparrow \\ k \acute{o} n i w a \end{matrix}$ | 603.20mseg |
|------------|---|------------|

Média aritmética: 580.58mseg

**Observação:** Desconsiderado o primeiro esboço rítmico feito para a linha 5, a medida tomada como referência básica para o dátilo será a média das medidas referentes ao padrões das linhas 7 e 9, ou seja, 569.27mseg.

Média entre dátilo e anapesto, considerando-se o primeiro esboço rítmico da linha 5: 595.66mseg.

Média entre dátilo e anapesto, desconsiderando-se o primeiro esboço rítmico da linha 5: 582.46mseg.

**D – Peões ( - ∪ ∪ ∪ )**

- linha 5 (em seu segundo esboço rítmico):

|   |            |
|---|------------|
| $\begin{matrix} \uparrow \uparrow \uparrow \uparrow \\ k^w a \acute{e} g \omega ? a \end{matrix}$ | 806.78mseg |
|---|------------|

|            |  |            |
|------------|--|------------|
| • linha 8: | $\begin{matrix} \uparrow \uparrow \uparrow \uparrow \\ \acute{a} t a n \acute{e} n i a \end{matrix}$ | 821.86mseg |
|            | (se reescrito como - ∪ ∪ ∪ ∪)  |            |

Média aritmética: 814.32mseg



**Observação:** Considerado o primeiro esboço rítmico feito para a linha 5, a medida tomada como referência básica para o peão no texto não será mais a da média obtida, mas a da linha 8 – 821.86mseg.

Percentual de diferença entre os tipos básicos de padrão:

- 1) troqueu e dátilo/anapesto (considerando-se o primeiro esboço da linha 5): 35%; proporção existente entre eles: 1.35;
- 2) troqueu e dátilo/anapesto (desconsiderando-se o primeiro esboço da linha 5): 32%; proporção existente entre eles: 1.32;
- 3) dátilo/anapesto e peão (considerando-se o segundo esboço da linha 5): 39%; proporção existente entre eles: 1.39;
- 4) dátilo/anapesto e peão (considerando-se o primeiro esboço da linha 5): 37%; proporção existente entre eles: 1.37.

7 Daquilo que se alcançou no trabalho com a intensidade, a altura e a duração, ficam, no âmbito específico dos suprasegmentos, algumas conclusões que, embora parciais, nos parecem relevantes. Entre elas está a de que tonicidade não é garantia de delimitação de grupamentos rítmicos, assim como a de que, da inexistência de uma regularidade na sucessão de acentos, não surge necessariamente uma língua de ritmo variado. Tais conclusões estão intimamente ligadas ao fato de termos utilizado a noção de agrupamento fonológico. Essa é uma noção que nos permite trabalhar de maneira a desvincular domínios de atuação de processos fonológicos de estruturas morfo-sintáticas e, conseqüentemente, nos dá a possibilidade de vir a colocar em um outro plano questões sobre a articulação sintaxe/fonologia. Além disso, essa mesma noção nos libera, no terreno do ritmo, para operar com todos fonológicos independentemente da tonicidade percebida, o que, por sua vez, nos dá justamente a chance de verificar o quanto a tonicidade está ou não ligada à constituição de todos fonológicos em uma língua.

No caso dos textos que acabamos de examinar, há um ritmo relacionado à existência de uma medida temporal relevante. Essa medida, essencialmente uma flutuação em torno de um percentual, distingue conjuntos básicos de padrões rítmicos, que, por sua vez, vêm a integrar grupos rítmicos. O quanto a oscilação constatada, nos dois textos, em torno de um percentual, está relacionada a possíveis alterações na percepção é algo para nós ainda desconhecido. Matematicamente, porém, a variação no percentual revela uma proximidade entre medidas, uma proximidade que existe inclusive entre as medidas brutas. Uma tal proximidade está ligada, a nosso ver, à existência de uma regularidade que, materialmente constituída de segmentos

e sílabas, se constrói acima dos segmentos e das sílabas. É dessa regularidade que vem, de acordo com o que vimos nos dois textos Tikuna, um fluxo temporal ligado a uma expectativa de repetição, assim como é com essa regularidade que um autor irá operar, na língua em questão, com o fim de dar uma unidade ao seu texto.

No texto cujo autor é Pedro Inácio, um texto político, a regularidade, em termos de expectativa de repetição, é alcançada mediante o uso de determinados padrões rítmicos.

Esses, nem sempre reveláveis à simples inspeção das quantidades silábicas existentes e/ou ao registro de acentos tônicos percebidos, consistem fundamentalmente de troqueus, dátilos e anapestos. Os dois últimos, nós assim o consideramos, são manifestações de um mesmo padrão básico, o que faz com que, no que vimos do texto produzido por Pedro Inácio, haja, na realidade, um jogo entre dois tipos básicos de padrão. A combinação efetuada entre eles pode se dar na base da alternância (ver, por exemplo, linhas 1 e 2 em 6.1) ou da repetição (como nas linhas 2, 3, 5, 8, no mesmo lugar). Há também regularidades obtidas por meio do recurso à utilização de padrões em que um é temporalmente a metade de outro que lhe é contíguo (ver linha 7, ainda em 6.1) ou por meio ainda do recurso a uma espécie de repetição, como é o caso da colocação, lado a lado, de um padrão para o qual ainda não temos nome ( ~ - ~ ) e de um outro, um dátilo, que temporalmente não deve diferir desse padrão ainda sem nome (ver linha 10, 6.1).

No trecho abordado do texto narrado por Dalvina, evidenciou-se, como padrão rítmico basicamente utilizado, o peão. Ele se faz presente na maior parte das linhas em que arbitrariamente transcrevemos um trecho do texto mítico. Essa presença, também ela não decorada a partir do mero registro de quantidade silábicas e/ou de tonicidades percebidas, pode-se dar através do peão cuja constituição se assernelha, em termos de distribuição de quantidades, àquela que é habitualmente conhecida como sendo a de um peão: ~ ~ ~ ~ (ver, a propósito, a linha 8 em 6.2). Essa mesma presença pode-se dar através de uma outra disposição das quantidades silábicas, disposição que não é aquela comumente tida como a de um peão, mas que conserva os tipos de quantidade encontrados em um peão (ver, por exemplo, as linhas 1 e 2 em 6.2). Essa mesma presença pode ser ainda sugerida por meio de um jogo temporal, com o preenchimento de um tempo que não está longe daquele gasto no texto com um peão (ver, por exemplo, a medida total encontrada na passagem da linha 1 para a linha 2, bem como aquela achada na linha 3, em 6.2). Feita tendo por base o peão, a parte estudada do texto mítico

inclui também troqueus, dádilos, possíveis anapestos, além do padrão rítmico ainda sem nome (v - v). A combinação de padrões rítmicos dentro dessa parte fez-se através da repetição e da alternância. Repetição com o aparecimento de uma sucessão de peões, de troqueus (exemplos nas linhas 1 e 5); repetição com uma possível seqüência dádilo/anapesto (exemplo na linha 5, em sua primeira possibilidade de análise); repetição com o aparecimento de uma seqüência dádilo e o padrão ainda sem nome, v - v (ver linha 7). Alternância na seqüência peão/anapesto (exemplo na linha 5 em sua segunda possibilidade de análise); alternância na seqüência peão/dádilo (exemplo tomado às linhas 9 e 10).

Das possibilidades rítmicas abertas no texto mítico, Pedro Inácio se serve, em uma porção de seu texto político, preferencialmente de uma repetição. Uma repetição obtida através das seqüências dádilo/dádilo (linhas 2, 3 e 5, em 6.1), anapesto/dádilo (início da linha 8, em 6.1) dádilo e o padrão v - v (linha 10, em 6.1). E isso sem falar de repetição em uma possível seqüência anapesto/anapesto (trecho não inicial da linha 8, 6.1, em sua segunda possibilidade de análise) ou mesmo sem falar de repetição naquilo que deixamos de fora da análise em 6.1 em termos de um possível jogo da pausa com os padrões rítmicos adjacentes (ver a propósito possível jogo repetitivo do padrão rítmico da linha 6, um dádilo, com a pausa seguinte, transcrita na linha 7).

A escolha operada pelo autor Pedro Inácio consiste, no trecho focalizado de seu texto, em privilegiar uma das possibilidades abertas pelo texto mítico, a possibilidade de repetição de um padrão rítmico básico, aquele que se manifesta como dádilo, anapesto ou ainda como padrão v - v. Quanto às possibilidades de alternância, o mesmo autor opta pela realização da alternância entre o padrão rítmico básico que acabamos de referir e um padrão rítmico básico de tempo relativamente menor, aquele cuja manifestação é o troqueu. É dessa opção que surgem, no trecho em questão de Pedro Inácio, alternâncias como dádilo/troqueu, troqueu/anapesto (linhas 1 e 2, em 6.1). Nessa alternância reside uma escolha realizada em sentido inverso à alternância encontrada no trecho estudado do texto mítico, já que nesse a alternância se dá abrangendo o padrão básico do qual fazem parte o dádilo e o anapesto e um padrão rítmico de tempo relativamente maior, o peão.

A escolha de uma alternância em sentido inverso à que aparece no texto mítico não envolve uma quebra no sentido lingüístico, já que estão em jogo percentuais semelhantes, quer na passagem de um padrão básico de tempo menor para o padrão básico do qual fazem parte o dádilo, o anapesto ou ainda o padrão v - v, quer na passagem desse último padrão básico pa-

ra um padrão de tempo maior. Também não está envolvida, na alternância escolhida por Pedro Inácio, uma quebra em relação ao texto mítico, já que essa alternância pode encontrar seu ponto de referência no texto mítico, na qualidade de alternância invertida.

Ao lado da alternância invertida praticada por Pedro Inácio, existe em seu texto a exploração de uma das possibilidades de repetição abertas pelo texto mítico. Ambas, a alternância e a repetição, colocam o texto produzido por Pedro Inácio como um texto situado dentro da tradição.

O texto político produzido por Pedro Inácio tem suas regularidades rítmicas ancoradas na tradição. E de tudo o que vimos fica, ultrapassando agora o âmbito específico dos suprasegmentos, um caminho que, não sendo aquele habitualmente percorrido em análises lingüísticas, nos permite articular o plano da materialidade sonora com o domínio discursivo. No domínio discursivo, consideramos a existência, no texto em questão, de duas formas de sujeito – o sujeito que conhece e o sujeito que se reconhece nos elementos da tradição. Consideramos também que há, entre esses dois sujeitos, uma relação de sustentação mútua, já que aquele que conhece termina por fornecer um rumo político que está de acordo com a tradição. No plano daquilo que é matéria sonora, o texto político de Pedro Inácio é construído tendo por base possibilidades rítmicas previstas no discurso da tradição e, conseqüentemente, é nessa materialidade que melhor pode ser vislumbrada a construção daqueles dois sujeitos enquanto unidade.

## NOTAS

- <sup>1</sup> De acordo com estimativas mais recentes (cf. Oliveira Filho, 1986: XX-XXIV), os Tikuna se distribuem por 69 comunidades pertencentes a oito municípios do estado do Amazonas (Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antonio do Iça, Tonantins e Beruri). A população estimada nessas comunidades é de 17.579 indivíduos e, se a ela for acrescentada a população dispersa e de índios desaldeados, bem como aquela que se situa fora do Brasil, o número total ascende a 25.879 indivíduos.
- <sup>2</sup> Ver, por exemplo, Oliveira Filho (1986: 241-242).
- <sup>3</sup> O termo peripécia se encontra entre aspas no texto porque envolve uma gama de significados que não se aplicam inteiramente ao caso em questão. Esse termo está ligado, na literatura ocidental, ao herói popular, ao herói pícaro, que é perambulante, malandro e que não é movido por um ideal. O mesmo termo possui ainda ligações com o herói transformador, que aporta algo de novo em decorrência de um perambular. É apenas nessa última acepção que a palavra peripécia, com as devidas ressalvas, está sendo usada por nós.
- <sup>4</sup> O texto produzido por Pedro Inácio é político, na medida em que através dele é possível caracterizar e identificar unidades em conflito.
- <sup>5</sup> Há uma relação entre o nome próprio de um Tikuna e a nação (clã) a que esse pertence. Para uma introdução nesse assunto, ver Nimuendaju (1952:56-58). Com referência à grafia utilizada para a língua Tikuna, ela vem resultando de um consenso buscado pelos Tikuna que habitam o lado brasileiro.
- <sup>6</sup> Para uma visão do Movimento da Santa Cruz, ver Oliveira Filho (1977: 70-83).
- <sup>7</sup> Essa informação me foi passada por André Villas Boas (comunicação pessoal), na época chefe do P.I. Vendaval.
- <sup>8</sup> No trecho que se segue, somam-se às nossas observações pessoais em área interpretações presentes em trabalhos dos quais somos devedores, Nimuendaju (1952) e Oliveira Filho (1986).
- <sup>9</sup> Cf. Nimuendaju (1952:64-65) e Oliveira Filho (1986, cap. 3).
- <sup>10</sup> Cf. Oliveira Filho (1986:358-359).
- <sup>11</sup> Idem, ibidem.
- <sup>12</sup> Esse pode ser, por exemplo, líder de um grupo vicinal.
- <sup>13</sup> Oliveira Filho (1986:359-360).
- <sup>14</sup> Ver a propósito Oliveira Filho (1986:163).
- <sup>15</sup> Ver em Oliveira Filho (1986:223-229) a representação sobre Manuelão.
- <sup>16</sup> Cf. Oliveira Filho (1986:406-409).
- <sup>17</sup> Ver nota 15.
- <sup>18</sup> Cf. Oliveira Filho (1986:179 e 406-409).

- 19 Ver nota 6.
- 20 Sobre movimentos salvacionistas entre os Tikuna, cf. Nimuendaju (1952:137-140), Oliveira Filho (1977:56), Oliveira Filho (1986:185-200).
- 21 Ler a propósito Oliveira Filho (1977:202-203).
- 22 A exibição material do texto ocorre neste trabalho de duas maneiras: uma em que nos valem do texto tal como esse foi escrito na língua Tikuna por um falante nativo e outra em que o texto é apresentado através de uma transcrição fonética, o que se dá no momento em que nos detemos nos aspectos suprasegmentais. Com relação à instabilidade constatada na grafia Tikuna, essa instabilidade é algo comum em processos de estabelecimento de escrita, sobretudo em processos não conduzidos.
- 23 Cf. Orlandi (1984).
- 24 Na realidade subjaz a essas últimas afirmações que estamos fazendo a distinção entre trama e argumento (ver Tomachevski, 1970:202-203). Quanto às afirmações anteriores, relativas à natureza do resumo e do discurso indireto, elas têm como ponto de referência e também como respaldo Sperber (1982:15-47).
- 25 Mantemos aqui a tradução que nos foi dada para [  $\begin{smallmatrix} t & t & t \\ t\alpha n\epsilon t\dot{i} \end{smallmatrix}$  ], Igarapé Preto.
- 26 Trata-se do antropólogo João Pacheco de Oliveira Filho, do Museu Nacional/UFRJ.
- 27 Ver nota 22.
- 28 Os grifos são meus.
- 29 Não constitui nossa preocupação neste trabalho determinar o grau de dependência de determinadas formas, razão pela qual não estamos fixando certos morfemas como sufixos ou posposições. Estamos ainda tratando como 'x', na tradução interlinear, um determinado tipo de partícula que precede e liga certos termos.
- 30 Trazemos aqui um exemplo que envolve afirmação da identidade do grupo e instrumentalização do Movimento da Santa Cruz. Em agosto de 1985, na aldeia Belém do Solimões, o capitão da facção pertencente à Irmandade da Cruz, ao falar da sua provável mudança, juntamente com os demais Tikuna da mesma facção, de Belém do Solimões para um outro lugar onde estariam reunidos, conforme as regras do Movimento, Tikunas e civilizados, dizia que nesse lugar não haveria qualquer distinção: todos eram irmãos, não importando que fossem peruanos, Tikunas ou outra coisa qualquer. Ao mesmo tempo, reforçando a manutenção das diferenças durante a prática das regras religiosas, dizia ele que, nesse lugar eleito, haveria uma rua para cada povo: uma rua para peruanos, uma rua para Tikunas...
- 31 Ver Soares (1984b).
- 32 Face aos nossos objetivos, não consideramos de utilidade nesse ponto fazer com que o falante baixasse consideravelmente a velocidade de fala, já que não estávamos interessados em fazer com que ele intuitivamente silabasse (cf. Soares & Souza (1982), Souza & Soares (1983) e Soares (1986)).
- 33 Tomamos esse cuidado porque a relação do falante com a linguagem certamente mudaria com o domínio da escrita.
- 34 No tratamento da intensidade em Soares (em andamento), optamos, como ponto de partida para a comparação da intensidade entre segmentos, pela adoção de um ponto



de referência que assegurasse serem as medidas tomadas um resultado apenas da intensidade atribuída aos segmentos focalizados, e não um produto da interação de intensidade entre segmentos contíguos. Na busca desse ponto de referência, escolhemos inicialmente os sons não-obstruintes e, entre eles, preferencialmente as nasais. Posteriormente, ampliamos o nosso quadro de observação de modo a incluir, entre os pontos de referência, sons obstruintes, que envolvem uma pressão do ar oral que não é inferior à pressão subglotal e cujo nível de interação com a intensidade dos segmentos vizinhos merecia ser avaliado. Para lidar com a oscilação da intensidade dentro de um mesmo segmento, escolhemos chegar a uma média de intensidade, a partir da mensuração, a cada 15.08mseg, dos níveis de intensidade existentes dentro do segmento.

- 35 Em nossa transcrição fonética, a percepção da intensidade está sendo marcada através do sinal ▽
- 36 A laringalização desempenha na língua mais de um papel. A esse respeito, ver Soares (1984a) e Soares (1986).
- 37 Cf. Soares (1984b).
- 38 Ver nota 29.
- 39 Cf. Anderson (1966:17), em que o morfema em questão é tratado como integrando um nome derivado, sendo ele uma raiz nominal presa que recebe um prefixo possuidor obrigatório.
- 40 No tratamento objetivo da duração, realizamos medições por segmentos, por inícios vocálicos e por sílabas.
- 41 As reticências indicam, aqui e nas linhas seguintes referentes à fragmentação, repetições da sequência imediatamente anterior.
- 42 O texto produzido por Pedro Inácio foi passado para a escrita na língua Tikuna por Reinaldo Otaviano do Camo (Mepawecü), que realizou o trabalho de retirar o texto do gravador, em sua própria casa, sem a presença do pesquisador e com a participação ocasional de outros Tikuna, que paravam em sua porta para ouvir e conversar.
- 43 Cf. Lehisté (1970:114-115).
- 44 Ver Soares (1985).
- 45 A medição imprecisa aqui resultou de problema existente na confecção do espectrograma, o que não afeta substancialmente o resultado final obtido.
- 46 Cf. Soares (1986).
- 47 Cf. Soares (1984a).
- 48 Ver nota 46.
- 49 Ver nota 45.
- 50 Ver Nimuendaju (1952:122).
- 51 Esse falante foi José Tenazor, de Belém do Solimões e sem nação, porque apenas sua mãe é Tikuna.
- 52 Ver pp. 113-114.

**Página propositalmente em branco**



#### BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, L. "The structure and distribution of Ticuna independent clause", em: *Linguistics* 1º, 20. Paris, Mouton & Co.
- LEHISTE, I. *Suprasegmentals*. Cambridge & London, The M.I.T. Press, 1970.
- NIMUENDAJU, C. *The Tukuna*. Berkeley & Los Angeles University of California Press, 1952.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *As facções e a ordem política em uma reserva Tükuna*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 1977.
- . "O nosso governo": *Os Ticuna e o regime tutelar*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1986.
- ORLANDI, E. P. "Segmentar ou recortar?", em: *Linguística: Questões e Controvérsias*, Série Estudos 10. Uberaba, Fiube, 1984:9-26.
- . "Análise do discurso: algumas observações", em: *D.E.L.T.A.* vol. 2, nº 1, 1986:105-126.
- . "Nem escritor, nem sujeito: apenas autor". Mimeo.
- ORLANDI, E. P. & GUIMARÃES, E. "Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito". Mimeo.

- SOARES, M. Facó. "Traços acústicos das vogais em Tükuna", em: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, nº 7, pp. 137-175, Campinas, 1984a.
- . "Padrões rítmicos em Tikuna: elementos para uma relação entre som e estrutura". Comunicação apresentada no IX Encontro Nacional de Lingüística, PUC/RJ, 5-8 novembro, 1984b.
- . "Investigação de alguns aspectos da sintaxe Tükuna". 1985. Mimeo.
- . "Alguns processos fonológicos em Tükuna", em: *Cadernos de estudos lingüísticos* nº 10, pp. 97-138.
- . "O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica". Tese de doutoramento a ser submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Unicamp (em andamento).
- SOARES, M. Facó & SOUZA, T.C. Clemente de. "Notas sobre a alfabetização Tapirapé". 1982. Mimeo. No Arquivo do Setor de Lingüística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ.
- SOUZA, T.C. Clemente de & SOARES, M. Facó. "Alfabetização Tapirapé: reflexões sobre uma experiência". *Caderno de Estudos Lingüísticos*, nº 4, pp. 107-114, 1983.
- SPERBER, Dan. *Le savoir des anthropologues*. Paris, Collection Savoir Hermann, 1982.
- TOMACHEVSKI, B. Tematica. In: TODOROV, T. (org.). *Teoria de los formalistas rusos*. Buenos Aires, Edicionais Signos, 1970.